

Suely Galdas Schubert



**MEDIUNIDADE
e Obsessão em
CRIANÇAS**

<u>CAPÍTULO 1</u>	
CRIANÇA	QUEM É A CRIANÇA
<u>CAPÍTULO 2</u>	
PROGRAMAÇÃO ESP. DO REENCARNANTE	
<u>CAPÍTULO 3</u>	
PROCESSOS CÁRMICOS	POR QUE A CRIANÇA SOFRE?
<u>CAPÍTULO 4</u>	
REJEIÇÃO E AVERSÃO DOS PAIS	
<u>CAPÍTULO 5</u>	
EXPLICANDO A MEDIUNIDADE	
<u>CAPÍTULO 6</u>	
MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA	O AMIGO INVISÍVEL
<u>CAPÍTULO 7</u>	
COMO PROCEDER QUANDO A	CRIANÇA É MÉDIUM
<u>CAPÍTULO 8</u>	
OBSESSÃO: O QUE É?	
<u>CAPÍTULO 9</u>	
OBSESSÃO NA INFÂNCIA	POR QUE OCORRE?

<u>CAPÍTULO 10</u>	
A CRIANÇA OBSIDIADA	COMO PROCEDER?
<u>CAPÍTULO 11</u>	
TENDÊNCIA AO SUICÍDIO NA INFÂNCIA	
<u>CAPÍTULO 12</u>	
OBSESSÃO NA FAMÍLIA	
<u>CAPÍTULO 13</u>	
APÓS A DESENCARNAÇÃO	COMO FICAM AS CRIANÇAS?
<u>CAPÍTULO 14</u>	
QUEM É O ANJO- DE-GUARDA	
<u>CAPÍTULO 15</u>	
CRIANÇAS:	PRODÍGIO E MEDIUNIDADE
<u>CAPÍTULO 16</u>	
A TERAPIA DO AMOR	
<u>CAPÍTULO 17</u>	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	

MEDIUNIDADE E OBSESSÃO EM CRIANÇAS

Suely Caldas Schubert volta a nos presentear com mais um trabalho que, como os anteriores já publicados, contém ensinamentos e soluções para os problemas que surgem em nossas vivências familiares, sociais e nas tarefas empenhadas no labor espírita.

A presente obra, tão necessária e adequada às múltiplas situações que deparamos na análise da criança em nossos dias, vem enriquecer a literatura espírita por concentrar em apenas um livro muitas respostas aos questionamentos que muitos de nós fazemos com relação ao comportamento infantil.

Na visão espírita, a autora soube, de forma simples e objetiva, esclarecer a quantos se sentem, no trato com a criança, com dificuldades de entendimento, ao se depararem com males que se expressam em comportamentos agressivos ou apáticos, suicídios, doenças degenerativas, processos obsessivos e outros desequilíbrios desafiando a todos aqueles que buscam soluções adequadas ao bem-estar da família.

Com suas narrativas e seu conhecimento alicerçados em experiências no atendimento fraterno na casa espírita, ela nos oferece elucidações seguras e orientações que facilitam sobremaneira o entendimento de várias questões inerentes ao comportamento infantil, analisadas sempre à luz da Doutrina Espírita.

Logo no início do primeiro capítulo ela define a criança como um ser ímpar, com suas aptidões e diferenças de comportamento, trazendo de outras vidas uma bagagem de experiências que irá definir sua personalidade atual. Chama nossa atenção para o estudo do desenvolvimento da criança, que, ao lado do crescimento físico, deverá ser entendido em sua visão integral com o progresso emocional, intelectual e espiritual. Esta visão mais ampla facilitará a compreensão da diversidade de comportamentos da criança em seu mundo.

No cap. III, comenta com segurança os processos cármicos, facilitando nosso entendimento em torno das causas de muitas agressões físicas e psíquicas que originam traumas e lesões na alma infantil. Estas noções nos ajudarão a utilizar recursos no enfrentamento da violência que desestrutura o grupo familiar.

A autora esclarece, também, o tema, tão discutível no meio espírita, da mediunidade na criança e como devemos proceder em relação aos procedimentos compatíveis com sua faixa etária. Analisa, com sua experiência no campo da mediunidade, a obsessão na infância, levando-nos ao conhecimento da terapia espírita no atendimento do infante com distúrbios obsessivos. Com explicações convincentes, baseada na literatura espírita e nas orientações dos mentores espirituais, esclarece como ficam as crianças no mundo espiritual.

Este trabalho nos fará conhecer a alma infantil em sua trajetória evolutiva e, acertadamente, nos levará a concluir que somente a terapia do amor propiciará a todos nós soluções mais eficazes para minimizar as dificuldades que todos enfrentamos, quando as dores superlativas vigem no meio familiar e social, resultantes da violência e do desamor na primeira fase do desenvolvimento infantil.

Suely nos diz: "Hoje sabemos que o amor é, também, uma terapia que alcança o cerne da alma. Suas propriedades curativas estão à disposição de todos, como filhos de Deus, que nos criou no Supremo Amor. "

A solicitação da autora, querida amiga e companheira das lides espíritas há muitas décadas, para que eu prefaciasse este trabalho, tem um significado profundo para meu espírito. Com ela aprendi lições de perseverança, compreensão e generosidade nas tarefas espíritas que enriquecem nossas vidas, propiciando-nos ressarcir compromissos, resgatar valores ontem menosprezados pela imaturidade espiritual, enriquecendo-nos de bênçãos na atual existência.

Certamente todos nós seremos beneficiados pelos ensinamentos deste trabalho, que poderão dissipar dúvidas, oferecer soluções nas tarefas de evangelização infantil, orientar com mais acerto as terapias e os recursos espíritas voltados para esta fase existencial e com maior segurança iremos entender o

porquê de tantos problemas e empecilhos ao desenvolvimento da criança de forma saudável e equilibrada.

Com o pensamento de Suely, encerro meus comentários reafirmando: "Para todos os casos e tipos de vivência, a Doutrina Espírita dispõe de recursos extremamente benéficos que atenuam, reconfortam e reestruturam aqueles cuja vida, por muito sofrida, requer uma terapêutica de profundidade, que remonta a causa principal, o cerne de tudo, que é o espírito imortal. "

Busquemos, assim, através do amor, os recursos necessários no trato com os sofredores e em especial às crianças que cheguem até nós, carentes de afeto e compreensão,

Lucy Dias Ramos (Lucy é dirigente espírita, escritora, articulista dos principais periódicos espíritas).

CAPÍTULO 1: QUEM É A CRIANÇA?

A - Criança

Quando acaricias o teu filho, agradas a ele ou te conforta a ti?

Quando o teu pequeno rei chora e o repreendes, identificas a sua lágrima ou te preocupas com o teu silêncio?

Quando o teu filho sonha, podes imaginar o País por onde ele viaja, nas asas do sono?

Saberá alguém o que pensa a criança na rápida quadra infantil?

As fadas dos sonhos, que habitam a aldeia na felicidade, estas sabem o que se passa com as crianças.

Se abrires as portas do coração para que elas te venham ensinar, o seu canto de amor te dará a música para todas as melodias que deves ofertar às tuas crianças.

Rabindranath Tagore (Do livro "Estesia", psicografia de Divaldo Franco).

B - Quem é a criança?

Quando uma criança nasce, traz consigo, além de traços semelhantes aos de seus pais e outros membros da família, possíveis deficiências ou aptidões, as peculiaridades inerentes à sua personalidade e um projeto de vida, que ela própria irá concretizar, de acordo

com seus pendores e potencialidades, no contexto social a que será levada a viver.

Todo esse conjunto a diferencia dos demais seres humanos. Ela chega ao mundo através do mesmo processo de toda a raça humana, desde a concepção até o nascimento, mas será diferente.

Psicólogos do desenvolvimento infantil procuram descobrir como e por que ocorrem essas diferenças, o que as determinam e orientam, bem como os processos de desenvolvimento e amadurecimento.

Observando-se, por exemplo, um grupo de crianças da mesma faixa etária, não é difícil verificar, entre elas, diferentes níveis intelectuais, diferentes potencialidades e personalidades que determinam todo o processo de seu desenvolvimento ao longo da vida. Essas diferenças individuais são fundamentais para os que se dedicam a estudar a criança.

Muitas interrogações decorrem então:

Quais as causas das diferenças individuais? Seriam hereditárias ou resultados do meio, de fatores ambientais ou de aprendizagem?

O estudo do desenvolvimento da criança tem-se ampliado e aprofundado bastante nos últimos tempos. No livro "O Mundo da Criança" (Papalia, Diane E.), as autoras explicam que "a moderna ciência do desenvolvimento visa principalmente às mudanças comportamentais

- aquilo que podemos ver. Enfatizamos aspectos da mudança que são prontamente observáveis, no esforço de aplicarmos critérios científicos rigorosos a nosso estudo da criança que cresce."

O crescimento físico, o progresso emocional, intelectual, o porquê do comportamento, integram essa complexa pesquisa que os teóricos do desenvolvimento empreendem.

Os resultados desse esforço trazem benefícios imediatos e práticos, segundo a obra citada. Isto permite avaliar-se como a criança média se comporta para aquilatar quanto uma criança se compara com a norma geral.

Mas, embora os pesquisadores e estudiosos dessa importante área tentem explicar a razão das diferenças individuais, embora façam todas as comparações possíveis, invariavelmente irão esbarrar nos mesmos questionamentos: Por que isto ocorre? O que determina as diferenças da personalidade? Seriam estas diferenças um conjunto de traços herdados dos ancestrais? Neste caso, como explicar determinadas diferenças de aptidões e de caráter que nada têm a ver com a herança genética? Como resolver ou compreender, de forma plena, certos bloqueios ou distúrbios psicológicos que são observados em crianças de pouca idade?

Inúmeras indagações acorrem à mente.

Existem mais perguntas do que respostas no campo da Ciência.

Eis que a Doutrina Espírita tem a chave do enigma humano.

A criança é um espírito reencarnado. Esta é a mais revolucionária de todas as idéias, no tocante à compreensão de quem é a criança. Ao elucidar esta verdade, o Espiritismo promove uma notável revolução nas deduções e métodos dos especialistas em desenvolvimento infantil.

A criança não é uma tabula rasa, não é um adulto em miniatura, mas um espírito imortal, dono de um fantástico acervo de experiências decorrentes de suas encarnações anteriores. Como todos os filhos de Deus, traz em si mesma o germe da perfeição, consoante elucidada Allan Kardec, em "O Livro dos Espíritos", nos seus comentários à questão 776:

"Sendo perfectível e trazendo em si o germe do seu aperfeiçoamento, o homem não foi destinado a viver perpetuamente no estado de natureza, como não o foi a viver eternamente na infância". (Kardec, Allan - O Livro dos Espíritos)

Oportuno registrar, para aprofundar nosso entendimento, a palavra do Instrutor Espiritual Calderaro, no livro "No Mundo Maior", ressaltando o processo evolutivo:

"Somos filhos de Deus e herdeiros dos séculos, conquistando valores, de experiência em experiência, de milênio a milênio. Não há favoritismo no Templo Universal do Eterno,

e todas as forças da Criação aperfeiçoam-se no Infinito. A crisálida de consciência que reside no cristal a rolar na corrente do rio, aí se acha em processo liberatório; as árvores que, por vezes, se aprumam centenas de anos, a suportar os golpes do inverno e acalentadas pelas carícias da primavera, estão conquistando a memória; a fêmea do tigre, lambendo os filhinhos recém-natos, aprende rudimentos do amor; o símio, guinchando, organiza a faculdade da palavra. Em verdade, Deus criou o mundo, mas nós nos conservamos ainda longe da obra completa. Os seres que habitam o Universo ressumbrarão suor por muito tempo, a aprimorá-lo. Assim também a individualidade. Somos criação do Autor Divino e devemos aperfeiçoar-nos integralmente. O Eterno Pai estabeleceu como lei universal que seja a perfeição obra de cooperativismo entre Ele e nós, os seus filhos". (No mundo maior, André Luiz)

Portanto, quando no instante do parto um recém-nascido dá o seu primeiro choro, isto significa que um espírito se revestiu de um corpo físico trazendo consigo uma longa história já escrita, repleta de erros e acertos, a prosseguir pelo tempo afora, em sucessivas e imprescindíveis experiências reencarnatórias, escrevendo novos capítulos, no laborioso processo evolutivo rumo à perfeição.

Assim, o ser humano traz em seu íntimo as infinitas possibilidades de crescimento, de amadurecimento espiritual que só através do tempo irão se concretizar.

A esta altura, é oportuno mencionar que Allan Kardec questionou os Instrutores Espirituais quanto à importância da encarnação, em "O Livro dos Espíritos":

"Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

- Deus lhes impôs a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal: nisso é que está a expiação. Visa ainda a outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da Criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, afim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta. "(Allan Kardec, O livro dos Espíritos) - questão 132.

Mais adiante, o Codificador acrescenta:

Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?

- Sofrendo a prova de uma nova existência." - questão 166.

Sendo a criança um espírito reencarnado, traz ínsito em seu inconsciente, o acervo de conhecimentos e conquistas anteriores, que assomam durante a vida terrena em forma de

aptidões, tendências, preferências, limitações, bloqueios, traumas, que constituem todo o elenco de facilidades e dificuldades nas múltiplas áreas de sua atuação e que irão influenciar o processo do seu desenvolvimento, educação, formação de caráter para compor a sua personalidade atual.

Infere-se que, a cada encarnação, o espírito, sem perder a sua individualidade, assume uma nova personalidade, decorrente de suas necessidades mais prementes. Assim, está sempre vivenciando novas experiências, como por exemplo, desenvolvendo, em determinada existência, uma aptidão artística para cuja atividade encontrará facilidades ou aprimorando uma propensão para a mecânica, para a matemática, para o exercício da medicina, da engenharia, para pesquisas científicas, etc., como também poderá renascer em um meio onde não tenha condições de exercer determinadas tendências, embora estejam latentes em seu íntimo, como uma prova necessária, por tê-las usado de forma prejudicial para si e para os outros. Em contrapartida, a fim de burilar o seu caráter, no âmbito dos valores morais, passará por experiências e situações que o motivem a isso.

Percebendo a importância do período infantil, Allan Kardec propôs aos Benfeitores Espirituais a seguinte questão:

Qual é, para este [o Espírito], a utilidade de passar pelo estado de infância?

- Encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo. (Allan Kardec, O livro dos Espíritos) - questão 383.

A infância é, pois, o período propício para que sejam introjetados no íntimo do espírito recentemente reencarnado os novos valores, através da aquisição de hábitos, condutas, vivências que o enriqueçam e preparem para o decurso de sua vida terrena.

CAPÍTULO 2 : PROGRAMAÇÃO ESPIRITUAL DO REENCARNANTE

"A infância ainda tem outra utilidade. Os espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem, para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devem fazê-los progredir. Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão que dar conta, ..." Allan Kardec "O Livro dos Espíritos", questão 385.

Emmanuel, no prefácio do livro "Missionários da Luz", intitulado "Ante os Tempos Novos", informa que André Luiz retorna: "(...) esclarecendo que o homem é um Espírito eterno habitando temporariamente o templo vivo da carne terrestre; que o perispírito não é um corpo de vaga neblina e, sim, organização viva a que se amoldam as células materiais; que a alma, em qualquer parte, recebe, segundo as suas criações individuais; que os laços do amor e do ódio nos acompanham em qualquer círculo da vida; que outras atividades são desempenhadas pela consciência encarnada, além da luta vulgar de cada dia; que a reencarnação é orientada por sublimes ascendentes espirituais e que, além do sepulcro, a alma continua lutando e aprendendo, aperfeiçoando-se e servindo aos desígnios do Senhor, crescendo sempre para a

**glória imortal a que o Pai nos destinou".
(Missionários da Luz, Emmanuel)**

O ser humano não é apenas o resultado do encontro de um espermatozóide e um óvulo, que dá origem ao zigoto, mas acima de tudo, um espírito que retorna ao cenário terreno com uma nova proposta de vida, com todo o seu cabedal de aquisições, conhecimentos e expectativas e que, após a fecundação, se liga, através do seu perispírito, à nova forma física que se inicia.

Milhares de transformações acontecem então, num processo que nada tem de casual, evidentemente obedecendo às leis da genética, mas trazendo no seu bojo, no fulcro mais recôndito, a presença do espírito reencarnante, que influencia vibratoriamente, com toda a sua carga energética, a seqüência desencadeada.

Esta a gênese da vida física. A presença do espírito é fator determinante e indica que o feto não é apenas um amontoado de células que se organizam de forma automatizada, mas, sim, um ser humano que regressa ao plano material, com seus sentimentos, virtudes e paixões e, acima de tudo, que necessita da sagrada oportunidade de um novo corpo físico.

A exemplo da crisálida da borboleta, pode-se dizer que a veste física é o casulo da vida, ao qual o espírito está profundamente vinculado, para que ocorra, na experiência reencarnatória, durante o tempo necessário, o

maravilhoso processo de sua transformação e aperfeiçoamento, que, ao final, rompendo-se o casulo pela morte, permitirá que o vôo de libertação enfim aconteça.

No livro acima citado, André Luiz descreve com detalhes os preparativos que antecedem o retorno do espírito Segismundo ao mundo corporal.

Segundo este autor espiritual, expressivo número de reencarnações são precedidas por um planejamento meticuloso, que engloba desde a escolha dos pais, o meio em que acontecerá o retorno até minuciosas providências com relação ao corpo carnal que registrará as seqüelas, as distonias ou o equilíbrio, a harmonia que expressam as aquisições do espírito através de seu campo perispiritual.

**Vale ressaltar, a esta altura, conforme instrui Joanna de Ângelis, que: "Os sofrimentos humanos de natureza cármica podem apresentar-se sob dois aspectos que se complementam: provação e expiação. Ambos objetivam educar ou reeducar, predispondo as criaturas ao inevitável crescimento íntimo, na busca da plenitude que as aguarda".
(Plenitude, Joanna de Ângelis)**

Como se pode inferir, estes dois aspectos expressam as condições evolutivas do espírito reencarnante.

Registra Allan Kardec, em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", ao focar as

diferentes categorias de mundos habitados (Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo), que a nossa Terra está classificada entre aqueles de provas e expiações. O que quer dizer que a Humanidade que habita o Planeta está neste patamar evolutivo. Portanto, a nossa casa planetária está concorde com seus habitantes.

Em decorrência, os espíritos encarnados e desencarnados que integram a população total do globo terrestre apresentam-se nestas mesmas condições (Exceção de determinados espíritos que reencarnam em missão no Planeta) e cada um terá a programação espiritual que lhe for mais benéfica e produtiva.

Ao ser programado o retorno de um espírito, se este estiver no nível de provação, terá condições de solicitar alguma experiência que lhe pareça necessária, propor algo, como também ouvirá as ponderações e orientações de seus guias espirituais, que analisarão sua ficha espiritual e as probabilidades de êxito, de acordo com as tendências, conquistas e comprometerimentos relacionados com as experiências pregressas.

Não se pode perder de vista o fato de que o espírito, quando desencarnado, tem outro entendimento acerca da sua própria situação, exceção, é claro, dos que ainda estão cristalizados em condutas de rebeldia perante as Leis Divinas, que cultivam a crueldade e a violência. Assim, o espírito cômico de sua real

condição sentirá, em seu mundo íntimo, a necessidade imperiosa de ressarcir os erros do passado.

Vejamos como a Benfeitora Joanna assinala as características do quadro provacional:

"As provações se manifestam, desta forma, de maneira suave, lenificadora no seu conteúdo e abençoada nas suas finalidades. Sem o caráter punitivo, educam de forma consciente, incitando ao aproveitamento da ocasião em forma eficiente e mais lucrativa, com o que equipam aqueles que as experimentam, para que se convertam em exemplos, apóstolos do amor, do sofrimento, missionários do bem, mártires dos ideais que esposam, mesmo que no anonimato dos testemunhos, sempre se tornando modelos dignos de serem imitados por outras pessoas.

As provações mudam de curso, suavizando-se ou agravando-se conforme o desempenho do espírito". (Joanna de Ângelis, Plenitude)

Portanto, a programação delineada poderá ser alterada, amenizada, desde que a vivência, no plano físico, expresse uma característica altruística, empenho no bem e esforço de melhoria íntima. Caso o espírito reencarnado, no uso de seu livre-arbítrio, esquecido de seus compromissos e fascinado por certas condutas terrenas, nas quais imperam os vícios e desequilíbrios, optar por estas experiências, terá, como é natural, um agravamento de sua situação. Isto, porém, não significa retrocesso, visto que o espírito não retroage. "O Livro dos

Espíritos", perg. 398-a: porquanto o Espírito é suscetível de se adiantar ou de parar; nunca, porém, de retroceder",

As expiações, entretanto, expressam situações mais graves e, por isso mesmo, são impostas e irrecusáveis. Segundo Joanna, constituem: "medicação eficaz, a cirurgia corretiva para o mal que se agravou",

Sua diferença primordial, em relação às provações, reside no fato de que estas promovem o indivíduo através do sofrimento reparador, enquanto que as expiações visam a restaurar o equilíbrio perdido, ao tempo em que reconduzem o infrator à posição espiritual em que se encontrava, antes da queda desastrosa.

Os quadros expiatórios traduzem situações de maior gravidade, não sendo possível uma mudança de curso, embora possam ser atenuados, dependendo da conduta daquele que está submetido a tais experiências. É importante ter em mente que a dor não é uma punição divina, mas um processo educativo ínsito na Lei de Ação e Reação. Quando agredimos a Lei Divina, esta, nos seus perfeitos mecanismos, nos propiciará a reação correspondente aos atos danosos praticados. Isto, como é óbvio, ocorre igualmente em relação às ações altruísticas que realizamos.

"Cada ser vive com a consciência que estrutura", enfatiza a mentora citada.

Podemos observar entre os quadros expiatórios as ocorrências de limitações orgânicas e mentais graves, as patologias congênitas irreversíveis, enfermidades degenerativas, alguns tipos de câncer, certos tipos de transtornos mentais. São recursos educativos para o infrator reincidente e rebelde.

Diante destas explicações, extremamente justas porque abrangem todos os seres humanos na sua escalada evolutiva, embora apresentem infinitas gradações de acordo com o patamar evolutivo de cada um, trazem no seu bojo a presença permanente da Misericórdia Divina a velar e amparar a todos os seus filhos.

De nossa parte, diante de nossos irmãos que estão vivenciando expiações dolorosas, devemos ter o cuidado e a sensibilidade de não os rotularmos como criminosos, trãsfugas das divinas leis, pois existem outras situações para as quais devemos atentar, além de expressarmos uma maneira negativa e, até mesmo, descaridosa. Quanto mais não seja porque, quem sabe, talvez em nosso passado tivéssemos a mesma conduta que hoje recriminamos ou condenamos.

Joanna de Ângelis enfoca nesse mesmo livro, a questão das aparentes expiações - seres que, em nome do amor, escolheram situações de grande sofrimento para exemplificarem coragem, paciência, resignação ou mesmo um

alerta e um convite para uma vivência espiritualizada junto aos que os cercam.

Jesus é o exemplo máximo. Na mesma linha estão Francisco de Assis, Helen Keller e alguns outros vultos que não expurgavam débitos e se constituíram em lições vivas de amor à humanidade.

Huberto Rohden, autor espiritualista, fala a respeito e menciona ser um "sofrimento-crédito". (Huberto, Rohden, Por que sofremos)

No Evangelho de João, cap. 9, nos itens 1 a 41, encontramos a cura do cego de nascença, que é um excelente e belo exemplo de sofrimento-crédito. Analisemos o trecho a seguir:

"E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença.

E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?

Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestassem nele as obras de Deus". (O novo testamento)

Não está muito claro o texto evangélico? Voltemos agora a André Luiz.

Usando como exemplo o processo reencarnatório de Segismundo, que retornaria à esfera terrena com o propósito de rearmonizar-se com desafetos do passado, André evidencia a cuidadosa programação que antecede o momento do nascimento, o que nos

enseja conhecer um pouco a trajetória do ser em suas etapas evolutivas.

Assim, já sabemos que, acima de tudo, esplende o espírito imortal, que imprime na organização fetal, através de seu perispírito, os seus conteúdos energéticos, para escrever mais um capítulo da sua história pessoal.

André Luiz esclarece quanto a outros processos reencarnatórios, que vale mencionar.

É importante ressaltar, ainda, que cada um de nós conta com orientadores espirituais, espíritos amigos, que se interessam pelo nosso progresso e, em especial, com aquele que é denominado anjo-de-guarda. Este é o espírito protetor, que vela mais diretamente pelo reencarnado. Todos os seres humanos contam com essa proteção. Mas é preciso evidenciar, desde já, que também nos observam, nos cercam, nos acompanham e até podem chegar a perseguir-nos os que prejudicamos no passado, agora desejosos de promover e assistir aos nossos insucessos.

Até a idade de sete anos, o espírito protetor está bem próximo de seu protegido. Por essa época, o processo reencarnatório está consolidado, e esse bom amigo passará a segui-lo a certa distância, permitindo-lhe, gradualmente, o exercício do livre-arbítrio e o crescimento pessoal à custa do próprio esforço. Mas sempre estará emitindo idéias e instruções que o ajudem nas suas escolhas.

O espírito vem, portanto, reaprender a vida e, a partir das novas experiências, reconstruir o seu mundo íntimo, através dos reajustamentos que possa conseguir com seus credores e com os demais que lhe enriquecerão o convívio pessoal.

A importância da missão dos pais avulta, nesse contexto, conforme ressalta Allan Kardec, no cap. XXVIII, item 53, de "O Evangelho Segundo o Espiritismo":

"O encargo de lhes guiar os primeiros passos e de encaminhá-los para o bem cabe a seus pais, que responderão perante Deus pelo desempenho que derem a este mandato. Para facilitar-lhes, foi que Deus fez do amor paterno e do amor filial uma lei da Natureza, lei que jamais se transgride impunemente". (Joanna de Ângelis, Plenitude).

CAPÍTULO 3: PROCESSOS CÁRMICOS

Por que a criança sofre?

"Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pode resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra," Allan Kardec "O Evangelho Segundo o Espiritismo" - Capítulo V, item 6.

Diante dos sofrimentos infantis, é comum que as pessoas comentem "que as crianças não deveriam sofrer," alegam que são inocentes, indefesas, etc. Ao se defrontarem, nos hospitais, com crianças enfermas, portadoras de doenças incuráveis, passando por dores e dificuldades, ou vivendo na própria família a situação de um filho enfermo, não são poucos aqueles que se revoltam contra Deus, culpando-O e tentando, de alguma maneira, entender as causas dessas provações.

Realmente, o coração se confrange frente a recém-nascidos enfermos, às vezes portadores de graves deficiências, ou de crianças com

mais idade cuja vida é um verdadeiro calvário de dor.

Por outro lado, encontramos crianças que desde o berço sofrem maus-tratos dos pais ou responsáveis.

Crianças torturadas por adultos; crianças vítimas de agressões físicas e psicológicas; crianças relegadas ao abandono, obrigadas a mendigar pelo pão de cada dia; crianças levadas aos vícios por adultos pervertidos; crianças obrigadas a trabalho escravo - enfim, triste é o quadro de tais sofrimentos infantis. Para arrematar este panorama, crianças que morrem cedo e, conforme a opinião de muitos, prematuramente. Morrem como avezinhas frágeis que as misérias físicas, morais, sociais e espirituais atingem de maneira fatal.

Indagações surgem: Fatalidade? Azar?

Castigo de Deus? Injustiça e crueldade divinas? A maioria dessas perguntas segue sem resposta pela vida afora, visto que as religiões não têm como explicar, de forma profunda e lógica, o que realmente ocorre e por que ocorre. Como também os psicólogos, psiquiatras, sociólogos, etc. em que pese ao respeito que nos merecem e reconhecendo quanto têm ajudado a minorar os conflitos humanos, esbarram em pontos enigmáticos, difíceis de serem compreendidos e explicados.

Não admitindo a existência de Deus, do espírito, da reencarnação, da Lei de Causa e Efeito, do livre-arbítrio, faltam a todas essas

peessoas e credos religiosos os recursos para um entendimento maior acerca do sentido da vida.

Como já foi dito, a criança é um espírito reencarnado; este conhecimento modifica toda a visão da vida terrena, aclarando as causas das lutas, dos sofrimentos, dos relacionamentos, o motivo dos desencontros entre as pessoas, as desigualdades intelectuais, morais, sociais, o porquê dos poucos instantes de felicidade que os seres humanos desfrutam, enfim, uma visão inteiramente nova acerca do mundo e do próprio Universo. Tudo isto remete a criatura a algo verdadeiramente notável e fundamental para seu crescimento, a descoberta de Deus, como Pai misericordioso, onipotente, mas, acima de tudo, a perfeita justiça e bondade.

No livro "Entre a Terra e o Céu", (Entre a Terra e o Céu, André Luiz) André Luiz apresenta o caso Júlio, que esclarece bastante quanto à questão do sofrimento e à necessidade da reencarnação.

Vejamos, em síntese, alguns pontos desse interessante relato.

Júlio era o filho caçula do ferroviário Amaro e sua esposa, Odila. Esta desencarnou, deixando-o com a filha adolescente, Evelina, e o pequeno Júlio. Ao fim de algum tempo, Amaro casa-se com Zulmira. Esta tem dificuldade de se relacionar com os filhos do primeiro casamento de Amaro, especialmente com o menino, muito ligado ao pai, que lhe

dedicava muito carinho e atenção. Vendo-os juntos, a madrasta passa a ter ciúmes do enteado, imaginando que, se ele morresse, teria o marido para si, não tendo que dividi-lo com mais ninguém, já que Evelina era muito retraída e não lhe dava trabalhos.

Num passeio à praia, Zulmira descuida-se, propositadamente, do garoto, então com oito anos, e este acaba morrendo afogado. No último instante, ela se arrepende, mas já era tarde. Presa de remorsos, ela adocece, pois o marido, por sua vez, distancia-se dela, julgando-a relaxada e cruel com os filhos. Entretanto, Júlio trazia consigo a morte prematura no quadro de provações. Era um suicida reencarnado ... "

São esclarecimentos de Clarêncio, instrutor espiritual de André Luiz, na obra citada.

Júlio, espírito, é imediatamente amparado e levado para uma instituição, no plano espiritual, o "Lar da Bênção", importante colônia educativa, misto de escola de mães e domicílio de pequeninos que regressam da esfera carnal.

O menino apresentava um quadro de sofrimento e, por isso, necessitava de atendimento especial, tendo sido entregue aos cuidados de Blandina, espírito detentor de expressivos méritos, que o acolheu em seu próprio lar.

Júlio tinha poucos momentos de tranqüilidade: chorava, inquieto, sentia dores na garganta,

onde se localizava uma extensa ferida. Clarêncio, visitando-o para inteirar-se de seu estado, aplica-lhe passes anestésiantes que proporcionam grande alívio ao pequeno enfermo.

Por outro lado, Odila, tomada de ciúmes da nova esposa de Amaro e julgando-a culpada pela morte do filho, passa a obsidiá-la, de forma muito intensa, o que agrava o estado físico e psíquico de Zulmira. No seu desvario, a primeira esposa do ferroviário não se dava conta de que, nesse processo de vingança contra aquela que julgava sua rival e assassina, se distanciava do filho. Após várias providências dos Benfeitores Espirituais, visando à reaproximação e envolvendo o pequeno grupo de encarnados e desencarnados ligados aos acima mencionados, Odila desperta para a realidade e modifica inteiramente o seu modo de pensar e agir, sendo então levada até o lar de Blandina, ocorrendo assim o seu reencontro com o filho querido. Embora a presença da mãe, este não apresentava melhoras significativas, não se livrara de seu sofrimento na região da glote. É esclarecido que Júlio, em anterior existência, vivida em Assunção após uma desilusão amorosa, ingeriu grande dose de corrosivo, tendo sobrevivido por alguns dias; porém, não suportando as dores que o atormentavam, embededou-se e jogou-se no rio Paraguai, terminando assim a vida física. Renascera, posteriormente, como filho daqueles aos quais estava vinculado espiritualmente, Amaro e Odila, mas, em razão

dos seus graves comprometimentos, teria um período curto no plano físico, desencarnando, portanto, por afogamento no mar.

Sabemos que o suicídio acarreta dolorosas conseqüências. De volta à esfera espiritual, Júlio ressentia-se ainda das feridas na garganta e no esôfago, por ter ingerido o corrosivo, lesões estas que sulcaram o seu perispírito, gerando profunda distonia vibratória. Os instrutores espirituais, diante de seu sofrimento, elucidaram que a única maneira de curá-lo seria o retorno ao plano terreno em um novo corpo. Seria novamente filho de Amaro, mas sua mãe seria Zulmira, visto estarem os três enredados e comprometidos naquela anterior existência.

Júlio retorna ao cenário terrestre. Seu novo corpo expressa as lesões resultantes do suicídio, mas é o abençoado dreno de suas energias ainda em desequilíbrio, agindo como escoadouro dos débitos do passado. A sua vida física é curta e ele desencarna em decorrência das seqüelas pretéritas. Mas, na espiritualidade, Júlio se vê finalmente livre das injunções cármicas que contraíra. A partir daí, está em condições de retomar a sua caminhada evolutiva. Novamente reencarna, no mesmo lar e com os mesmos pais anteriores, entretanto recomeça muito melhor, com novas esperanças e perspectivas de mais próxima felicidade. Os envolvidos na trama do pretérito estão agora rearmonizados.

Pode-se observar no caso Júlio dois pontos básicos: as vinculações criadas a partir dos desatinos cometidos na última encarnação desse pequeno grupo de espíritos e, também, que somente através do retorno ao plano físico conseguiriam alcançar a necessária reparação perante as leis divinas e a reconstrução das próprias vidas.

As leis de Deus são perfeitas e equânimes para todos os seres e coisas que povoam e preenchem o Universo. Os sofrimentos são inerentes ao nosso estágio evolutivo, o que vale dizer que ninguém é inocente ou isento de falhas, deficiências e culpas.

A criança sofre porque, na realidade, é um espírito multimilenar reencarnado, com nova roupagem física, mas que traz do passado a sua história pessoal, a refletir-se no hoje.

Allan Kardec ensina:

"O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual, mas não escapa nunca às conseqüências de suas faltas. (...) Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta". (ESE, cap. V, itens 6 e 8) (Allan Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo).

**CAPÍTULO
4: REJEIÇÃO
E
AVERSÃO
DOS PAIS**

**"Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus:
Que fizestes do filho confiado à vossa guarda?
Se por culpa vossa ele se conservou atrasado,
tereis como castigo vê-lo entre os espíritos
sofredores, quando de vós dependia que fosse
ditoso."**

**Santo Agostinho"O Evangelho Segundo o
Espiritismo" - Capítulo XIV, item 9 (Allan
Kardec, O Evangelho Segundo o Espiritismo)**

**Entre as mais sofridas provas para o espírito
que retorna ao cenário terreno, está a rejeição
materna, paterna ou de ambos. Entretanto,
como é óbvio, se houver rejeição ou aversão
por parte da mãe, maiores serão as
dificuldades da criança no transcurso de sua
vida física.**

**A rejeição à criança por parte dos pais sempre
deixa marcas dolorosas, que se manifestarão
ao longo da vida, como traumas e conflitos a
se expressarem de diversas formas, gerando,
igualmente, dificuldades nos relacionamentos.**

**Quando a aversão e rejeição maternas
ocorrem logo no início da gestação, ante os
pensamentos de revolta, de ódio que a futura
mãe continuamente emite, pode ocorrer o
aborto, espontâneo aos olhos dos médicos e**

da própria gestante, todavia provocado pelos fluidos desequilibrados desta.

O rejeitar o filho que acaba de nascer reflete uma aversão implícita por parte do pai ou da mãe e conforme a intensidade desse sentimento negativo será também a maneira como o educarão.

Extremamente dolorosos são os dramas vividos por grande número de crianças cujos pais chegam a maltratá-las, através de agressões e torturas físicas e psicológicas, alguns relegando-as a estranhos, a instituições e até mesmo às ruas, a fim de se livrarem do que consideram a indesejável presença.

No quadro provacional que as crianças enfrentam estão os sofrimentos infligidos por adultos.

Voltemos ao livro "Entre a Terra e o Céu", de André Luiz, comentado no capítulo anterior, focando agora nossa atenção na importante explanação de Blandina, ao referir-se à dramática questão do infanticídio inconsciente e indireto, que é largamente praticado no mundo.

Ela ressalta que a maioria das mães cerca os filhos de amor e carinho, dispostas a renúncias e sacrifícios, para que sejam felizes, mas, por outro lado, é grande o número de mulheres que se despreocupam dos filhinhos, o que lhes favorece a morte. Assim, crianças podem desencarnar, em numerosas circunstâncias,

fora da época indicada para seu retorno ao mundo espiritual, pela negligência e irreflexão dos pais, que se tornam responsáveis pelo insucesso do programa reencarnatório dos filhos.

Em suas considerações, Blandina menciona que essas mulheres são "mais fêmeas que mães; jazem obcecadas pela idéia do prazer e da posse", enfatizando ainda alguns aspectos graves e da maior importância para nosso conhecimento:

"Temos irmãs que, por nutrirem pensamentos infelizes, envenenam o leite materno, comprometendo a estabilidade orgânica dos recém-natos; vemos casais que, através de rixas incessantes, projetam raios magnéticos de natureza mortal sobre os filhinhos tenros, arruinando-lhes a saúde, e encontramos mulheres invigilantes que confiam o lar a pessoas ainda animalizadas, que, à cata de satisfações doentias, não se envergonham de ministrar hipnóticos a entezinhos frágeis, que reclamam desvelado carinho ... ". (Entre a Terra e o Céu, André Luiz)

A revelação de Blandina expressa a gravidade da situação que, infelizmente, acontece cada vez com maior incidência. Ela está alertando quanto às conseqüências dessa conduta desequilibrada dos pais, extremamente prejudicial à saúde e até à vida de recém-nascidos ou daqueles com poucos anos de vida.

Para clarificar melhor este assunto, imprescindível refletir um pouco sobre as emissões fluídicas e o teor vibratório dos pensamentos. O ser humano não se dá conta do poder mental de que é dotado, não sabe nada ou quase nada em relação às suas projeções mentais e vibratórias. Interessante constatar que Allan Kardec alerta quanto a isto, em "A Gênese", quando disserta acerca das qualidades dos fluidos, conforme a seguir registramos:

"Sob o ponto de vista moral, trazem o cunho dos sentimentos de ódio, de inveja, de ciúme, de egoísmo, de violência, de hipocrisia, de bondade, de benevolência, de amor, de caridade, de doçura, etc. Sob o aspecto físico, são excitantes, calmantes, penetrantes, adstringentes, irritantes, dulcificantes, suporíficos, narcóticos, tóxicos, reparadores, expulsivos; tornam-se força de transmissão, de propulsão, etc. ", (Allan Kardec, A Gênese)

Na seqüência, assinalamos a palavra de Emmanuel, inserta no livro "Roteiro", que corrobora plenamente o ensinamento do Codificador:

"O pensamento é o gerador dos infracorpúsculos ou das linhas de força do mundo subatômico, criador de correntes de bem ou de mal, grandeza ou decadência, vida ou morte, segundo a vontade que o exterioriza e dirige. E a moradia dos homens ainda está mergulhada em fluidos ou em pensamentos vivos e semicondensados de estreiteza

espiritual, brutalidade, angústia, incompreensão, rudeza, preguiça, má-vontade, egoísmo, injustiça, crueldade, separação, discórdia, indiferença, ódio, sombra e miséria ... ". (André Luiz)

Há ainda um contingente imenso de seres humanos completamente distanciados desta realidade, que o Espiritismo veio demonstrar, despertando-nos para os valores eternos e a nossa condição de espíritos imortais, temporariamente revestidos de corpo físico.

Não raramente, pode acontecer outro fato também bastante doloroso, quando, em seguida ao nascimento do filho, a mãe passe a rejeitá-lo de várias maneiras, seja entrando em depressão e não se sentindo em condições de amamentá-lo, de cuidar dele, reações estas inexplicáveis para si mesma, seja em casos mais graves, com a ocorrência de idéias terríveis em relação ao bebê.

Em nosso livro "Transtornos Mentais, uma leitura espírita" registramos a gravíssima questão da psicose pós-parto. Transcrevemos a seguir alguns trechos, resumidos, para maior esclarecimento.

A psicose pós-parto se caracteriza por delírios e depressão grave, podendo surgir pensamentos sobre a vontade de ferir o recém-nascido e representam um perigo real. Os sintomas surgem por volta do terceiro dia pós-parto e incluem insônia, inquietação, fadiga, crises de choro, preocupação obsessiva

sobre o fato de não o amar; em casos mais graves, a idéia de querer feri-lo; podem ocorrer vozes ordenando à paciente que o mate.

A psicose pós-parto ocorre em 1 a 2 em cada mil partos. A maioria das pacientes com este transtorno têm uma doença mental subjacente, mais comumente o distúrbio bipolar. Pode ser resultante de uma síndrome cerebral orgânica, infecção, intoxicação por drogas ou a súbita queda de níveis de hormônios.

É um processo muito grave que requer orientação urgente do médico especializado. Em geral, é preciso separar o bebê da mãe, até que cessem os pensamentos, os impulsos destrutivos.

Temos notícia de alguns casos de mães que passaram por este tipo de transtorno, que sempre nos pareceu muito doloroso. Somente o Espiritismo, que elucida quanto à reencarnação, tem a resposta satisfatória para aclarar este terrível drama, que denota um profundo envolvimento do passado entre a mãe e o filho recém-nascido. Situações assim são declarações explícitas de emoções desequilibradas, de paixões perturbadoras, cujas raízes estão no passado próximo ou remoto, hoje desaguando em estados mórbidos, patológicos.

Em "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec aborda este tema na pergunta 891 :

"Estando em a Natureza o amor materno, como é que há mães que odeiam os filhos e, não raro, desde a infância destes?

Às vezes, é uma prova que o Espírito do filho escolheu ou uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai ou mãe perversa ou mau filho, noutra existência. Em todos os casos, a mãe má não pode deixar de ser animada por um mau espírito que procura criar embaraços ao filho, a fim de que sucumba na prova que buscou. Mas, essa violação das leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos de que haja triunfado".

CAPÍTULO 5: EXPLICANDO A MEDIUNIDADE

"Se bem cada um traga em si o germe das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desempenho depende de causas que a ninguém é dado conseguir se verifiquem à vontade." Allan Kardec, o Livro dos Médiuns" - Introdução.

O ser humano é dotado de inúmeras faculdades, como a inteligência, a capacidade de pensar, a consciência, a força da vontade, a memória, também a capacidade de ver, ouvir, etc., e entre estas inclui-se a mediunidade.

É preciso ter em mente que todas estas faculdades são atributos do espírito e possibilitam a este, quando encarnado, atuar, no plano físico, em diferentes gradações, conforme o estágio evolutivo de cada um.

A mediunidade é, pois, uma aptidão natural que possibilita a comunicação entre os espíritos encarnados e os espíritos desencarnados.

Sendo uma faculdade inerente ao ser humano, a mediunidade sempre esteve presente na História da Humanidade. Na Antigüidade, aqueles em que ela se apresentava de forma ostensiva eram denominados de feiticeiros, xamãs, pitonisas, oráculos, profetas, sendo respeitados, admirados e bastante procurados

para consultas, previsões sobre o futuro, tratamento de doenças, etc. Entretanto, com o transcurso do tempo e devido à discriminação religiosa, passaram a ser considerados bruxos, possuídos por demônios, por isso perigosos, sendo então caçados e muitos levados às fogueiras, especialmente na Idade Média. Na atualidade, são denominados médiuns, e a mediunidade, hoje em dia, é admitida, reconhecida e, na maioria dos países, respeitada, embora ainda existam aqueles que a negam, mesmo com todas as evidências e comprovações.

Como se pode deduzir, a mediunidade não é invenção e nem privilégio do Espiritismo. Ela está presente em toda parte e se manifesta, em indivíduos de todas as religiões. Vamos encontrá-la registrada na Bíblia, que relata múltiplas manifestações mediúnicas, nos trabalhos da Umbanda, nos cultos afros de modo geral ou mesmo nas práticas evangélicas e carismáticas.

É importante ressaltar que a palavra médium foi adotada por Allan Kardec para exprimir aquele que serve de intermediário entre o plano físico e o plano espiritual.

Em âmbito geral, todos somos médiuns, isto é, todas as criaturas têm a capacidade de captar pensamentos, influências e sugestões mentais que os espíritos desencarnados emitem. Isto é muito natural, visto que também os encarnados (que são espíritos) nos influenciam, e tanto de um modo ou de outro,

em geral, não o percebemos conscientemente, embora venhamos a exteriorizar as idéias que captamos em nossa conduta, em nossas atitudes. Como é óbvio, os bons espíritos nos influenciam para o bem e os espíritos inferiores transmitem sugestões para os vícios, para ações desonestas, violentas, desequilibradas. Segue-se, portanto, que cada pessoa, no uso do seu livre-arbítrio, deve analisar seus pensamentos e optar por cultivar aqueles que são benéficos, elevados, equilibrados. Mas usualmente só se denominam médiuns aqueles em que a faculdade se mostra bem caracterizada.

O Espiritismo elevou a mediunidade à categoria de missão, demonstrando a sua importância na vida do indivíduo, visto que a faculdade não surge por acaso e, sim, expressa um compromisso anteriormente assumido, sendo, especialmente, um instrumento para sua espiritualização. Evidencia ainda que a sua prática deve ser realizada de maneira altruística e apresentamos uma obra básica que propõe uma metodologia altamente educativa, esclarecedora e norteadora, que é O LIVRO DOS MÉDIUNS, cujo autor é Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita.

Um ponto a ser considerado é que os espíritos são livres, conforme ensina Kardec, e "comunicam-se quando querem e a quem lhes convém e, também, quando podem, pois nem sempre isto lhes é possível. "(Allan kardec, O livro dos Médiuns)

Por outro lado, aquele que é médium não possui senão a faculdade de comunicar-se com os espíritos, mas a comunicação propriamente dita depende da vontade dos espíritos.

CAPÍTULO 6: MEDIUNIDADE NA INFÂNCIA

"Em que idade se pode ocupar, sem inconveniente, de mediunidade?"

- Não há idade precisa, tudo dependendo inteiramente do desenvolvimento físico e, ainda mais do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos a quem tal coisa afetará menos do que a algumas pessoas já feitas. Falo da mediunidade em geral; porém a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo; a da escrita tem outro inconveniente, derivado da inexperiência da criança, dado o caso de ela querer entregar-se a sós ao exercício da sua faculdade e fazer disso um brinquedo." Allan Kardec "O Livro dos Médiuns" - Capítulo XVIII, item 221 - questão 8.

Não há uma idade determinada ou que seja melhor para a eclosão da mediunidade. Ela pode manifestar-se em crianças, adolescentes, em pessoas adultas ou com mais idade. Entretanto, é mais difícil que a faculdade se apresente em indivíduos idosos pelas próprias e naturais limitações orgânicas e psíquicas.

Inicialmente, mencionaremos nesta abordagem o aparecimento da mediunidade espontânea e sem qualquer sofrimento para a criança.

Na fase infantil, o desabrochar da mediunidade é, quase sempre, tão natural quanto outros tipos de aprendizagem que vão acontecendo

em todas as etapas do desenvolvimento da criança, visto terem estas relativa facilidade de perceber a presença dos espíritos e com eles manter um convívio fácil e espontâneo.

Por que isso ocorre com tal naturalidade? O Espiritismo nos esclarece que o processo reencarnatório prolonga-se até os sete anos de idade. Nesses primeiros anos de vida física o espírito, na fase infantil, mantém vínculos bastante estreitos e mais ou menos intensos com o mundo espiritual, a sua pátria de origem. A presença de espíritos amigos, do seu espírito protetor é mais próxima, no intuito de sustentá-lo nesse recomeço. Pode-se inferir também que durante o sono, o espírito que está envergando a nova forma física esteja mais constantemente em contato com o plano espiritual de onde procede.

Entende-se, por via de consequência, que as companhias espirituais do recém-reencarnado dependem de suas ligações com espíritos dos mais diversos patamares evolutivos. Conforme vimos páginas atrás, mesmo no caso em que o reencarnante mantenha laços de afinidade com espíritos inferiores, isto não descarta a presença, ainda que um pouco mais distanciada, do seu espírito protetor, o denominado anjo-de-guarda. É importante lembrar que toda reencarnação visa ao progresso do espírito, pois ninguém renasce para regredir. Tais vínculos, todavia, vão se enfraquecendo quanto mais transcorrem os anos. A partir do sétimo ano de vida terrena, o espírito gradualmente se torna mais

consciente de suas potencialidades e, na adolescência, "o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era." (questão 385 de "O Livro dos Espíritos")

Em geral, pode-se dizer que a criança apresenta indícios de mediunidade quando começa a mencionar a presença, no lar, de pessoas que ninguém percebe, a não ser ela própria. Bastante comum é a presença do amiguinho invisível com o qual conversa e brinca. Às vezes diz estar vendo pessoas idosas, e alguns pais apresentam fotos de familiares desencarnados entre os quais a criança identifica um em particular que, para surpresa da família, vem a ser o avô ou avó ou outro parente qualquer.

No livro "O mundo da criança", as autoras abordam essa questão do amiguinho invisível, mencionando que "cerca de 15 a 30% das crianças, entre 3 a 10 anos têm companheiros imaginários. Eles surgem na vida da criança depois de 2 anos e meio de idade e saem quando a criança vai para a escola. A pessoa imaginária parece real para a criança que fala e brinca com ela. "(Diane, E. Papalia, O mundo da criança)

Para a Psicologia, este é um fato natural, fruto da imaginação infantil, que "cria" um amigo para brincar e lhe fazer companhia. Geralmente, são crianças que se sentem sozinhas, seja porque os pais trabalham fora, seja por carência afetiva, por não receberem atenção e carinho dos pais.

Arthur Jersild, por sua vez, explica, em seu livro "Psicologia da criança", que, "quando um garoto brinca abertamente com um companheiro e lida claramente por certo período de tempo, com uma criatura de características estáveis e nome definido, pouca dúvida há de que ele possui um companheiro imaginário. "

E acrescenta:

"Os companheiros imaginários, juntamente com outras criações da imaginação, aparecem nas crianças com uma ampla variedade de traços de personalidade. Não podemos supor que a existência de um companheiro imaginário seja, em si mesma sinal de uma tendência quer sadia, quer doentia, no desenvolvimento da criança". (Arthur T. Jersild, Psicologia da criança)

Mas nem sempre a reação da família é tranqüila diante deste tipo de acontecimento. Muitos pais, por falta de informação, ficam preocupados, aflitos, supondo que o filho ou a filha sejam portadores de algum distúrbio psiquiátrico. Inúmeros, porém, são os casos de mediunidade na infância e somente a Doutrina Espírita lança luz sobre esta ocorrência na vida da criança. Nem todas as crianças, porém, constataam a existência de um amiguinho ou amiguinha invisíveis. Isto acontece com aquelas que apresentam uma certa predisposição mediúnica. Todavia, somente em algumas destas é que a mediunidade irá eclodir mais adiante em suas vidas.

Vamos levantar agora a cortina que encobre alguns desses casos, a fim de contribuirmos para o esclarecimento daqueles que nos lêem e que possam estar vivenciando uma experiência semelhante.

No ano de 1849, dia 20 de novembro, nasceu em Londres uma menina que recebeu o nome de Elisabeth. Seus pais, Jane e George P., este capitão de um navio, obrigado por sua profissão a constantes viagens.

Desde muito pequena, Elisabeth d'Esperance, como seria conhecida, começou a ter visões no casarão onde morava. As "pessoas" estavam em toda parte, nos grandes quartos vazios, e circulavam como se ali morassem. Sua mãe era portadora de uma doença que a obrigava a permanecer por dias e dias no leito e as criadas davam-lhe pouca atenção. Por mencionar a presença dessas "pessoas", passou a ser considerada uma menina esquisita, estranha e, como os fatos de vidência se tornassem mais comuns, chegou a ser castigada, até que um dia sua mãe, suspeitando de sua sanidade mental, requisitou a presença de um médico para examinar a filha.

O médico ouviu atentamente o relato da menina e lhe disse que tais coisas só aconteciam com pessoas loucas. Isto lhe causou um medo muito grande, julgando que poderia realmente ser louca.

Escrevendo, mais tarde, sobre sua infância, Elisabeth teve ocasião de registrar a constante presença do fantasma de uma velha senhora, que via com tal nitidez, que pode desenhar-lhe a fisionomia, conforme consta de seu livro "Shadow Land" ("No País das Sombras". A senhora em questão surgia com um vestido preto, tendo um xale de renda branca sobre os ombros, amarrado à altura do peito e uma touca branca que escondia parte dos cabelos grisalhos. Ela permanecia sempre num certo quarto e Elisabeth a denominava de "My shadow lady".

Aos quatorze anos, chegou à conclusão que tudo aquilo era obra de Satanás e, diante das visões, punha-se de joelhos a rezar. Tão grande foi a angústia, que ficou muito abatida, magra e pálida. O pai, ao retornar de uma de suas viagens, preocupou-se, vendo o seu estado e resolveu que a filha necessitava de ares novos, levando-a então a uma viagem ao Mediterrâneo.

A viagem trouxe grande alegria a Elisabeth: tudo era novo e belo, os fantasmas desapareceram, a saúde restabelecida e o fato de estar ao lado do pai era motivo de satisfação e de tranqüilidade. Certo dia, estando no tombadilho com o tenente N ... , avistou um navio no horizonte. Comentando a respeito, para sua surpresa, o tenente disse que não via o navio. Elisabeth ficou muito aflita, pois ele vinha em direção à proa. Alarmada, começou a gritar que iriam bater e, para seu horror, o grande navio se aproximou

e atravessou o deles! Com o susto, chorando apavorada, Elisabeth teve que ser recolhida ao quarto. Seu pai investigou o fato e constatou que ninguém viu o navio que ela mencionara.

Durante a adolescência, os fantasmas deram uma trégua e ela passou por certa tranqüilidade. O tempo transcorreu e Elisabeth, já adulta, resolveu consultar uma ledora da "buena-dicha". Esta, confirmando as visões, disse-lhe: "- Teus olhos vêem coisas ocultas para os outros." Falou-lhe depois do seu casamento, que aconteceria dali a dois anos, e muitas outras coisas. Tudo o que disse se confirmou.

Elisabeth d'Esperance tornou-se um dos mais importantes médiuns que contribuíram para o advento do Espiritismo. Era portadora de vários tipos de mediunidade, entre os quais citamos: efeitos físicos, psicografia, vidência, materializações, transportes, pinturas mediúnicas, etc. Suas faculdades mediúnicas foram pesquisadas por eminentes estudiosos: os fenômenos obtidos por seu intermédio foram sempre comprovados, visto que a médium se destacava pela honestidade, pela ética e pelo desejo de colaborar para que esta faculdade notável que é a mediunidade se tornasse mais conhecida e aceita pelos seres humanos Elisabeth escreveu o livro acima citado, "No País das Sombras", relatando sua vida e suas experiências mediúnicas, o qual até hoje é muito apreciado e estudado no meio espírita. Ela desencarnou no dia 20 de julho de 1918.

A mediunidade também ocorreu cedo na vida de Divaldo Franco, notável médium e orador espírita, de renome internacional. Ele próprio relata os episódios iniciais de seu intercâmbio com o mundo dos espíritos.

Por volta de seus quatro ou cinco anos, já estava recebendo recados espirituais, a princípio de sua avó, Maria Senhorinha, sem ter idéia de quem era e supondo ser uma pessoa como todas as outras. Ela pediu-lhe que desse um recado a Anna - mãe de Divaldo. Obediente, o menino deu o recado, sem entender a razão da surpresa causada pela menção do nome. É que D. Anna perdera a mãe quando do seu parto, portanto nem chegara a conhecê-la e muito menos Divaldo, que nem sabia tratar-se de sua própria avó. Para que não houvesse dúvida alguma, o menino descreveu a "pessoa" com todos os detalhes, o que logo em seguida foi confirmado por uma tia, Edwiges, que disse emocionada:

- Anna, é mamãe!

Daí em diante, os fenômenos mediúnicos se tornaram constantes na vida de Divaldo. Por essa época, ele passou a ter a companhia de um menino e, juntos, passavam horas brincando. Era um indiozinho e se chamava Jaguaruçu, sendo, como se pode deduzir, invisível às demais pessoas.

A mesma precocidade mediúnica surgiu na vida de Chico Xavier, o maior médium psicógrafo de que se tem notícia, que, aos

quatro anos, conversava com sua mãe, desencarnada.

Apraz-nos mencionar ainda a médium Yvonne do Amaral Pereira.

A mediunidade surgiu muito cedo na vida de Yvonne. Segundo depoimento feito por ela e registrado no livro "Recordações da Mediunidade", ainda na primeira infância, algumas faculdades se apresentaram, como a vidência, a audição e o desdobramento do perispírito. Aos 4 anos, já se comunicava com espíritos desencarnados, via-os e falava com eles, supondo que fossem seres humanos comuns. Entre os 14 e 16 anos, os fenômenos mediúnicos se acentuaram e o convívio com os espíritos era freqüente e natural. Uma das características de sua mediunidade era a da lembrança espontânea de vidas passadas, que ela, em desdobramento, recordava como também assistia a cenas do pretérito, tendo ao seu lado espíritos amigos que a orientavam, os quais eram igualmente participantes das mesmas cenas. Tendo sido suicida em anteriores existências, necessitava guardar viva recordação dos sofrimentos decorrentes do fato de pôr termo à vida física. Yvonne cumpriu fielmente a sua missão, tendo sido por longos anos excelente médium, cuja vida foi toda dedicada à Doutrina Espírita, ao bem e à paz.

Nesses, exemplos citados, verificamos que a faculdade mediúnica surgida na infância se desdobrou em tarefas específicas ao longo da

vida de cada um. Entretanto, na maioria dos casos, isto não acontece, visto que a faculdade como que se vai esmaecendo, apagando, com o passar dos anos. Isto quer dizer que nem todas as crianças que apresentem indícios de mediunidade terão compromissos nesta área, na idade adulta.

Hermínio Miranda explica com muita clareza este aspecto:

"Não é sempre que tais faculdades, em crianças, têm o desdobramento previsto nesta ou naquela forma de mediunidade. Como as recordações espontâneas de vidas passadas podem apagar-se, aí pelos dez anos de idade. Nem todas as pessoas dotadas de faculdades mediúnicas têm, necessariamente, tarefas específicas neste campo, ou seja, nem sempre estão programadas para o exercício ativo e pleno no intercâmbio regular entre os espíritos e as pessoas encarnadas". (Herminio C. Miranda, Nossos filhos são espíritos).

CAPÍTULO 7: COMO PROCEDER QUANDO A CRIANÇA É MÉDIUM?

"Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças? Certamente e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que estes organismos débeis e delicados sofreriam por esta forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobre excitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessas idéias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das conseqüências morais." Allan Kardec "O Livro dos Médiuns" - Capítulo XVIII, item 221, questão 6.

Quando surgem alguns fenômenos mediúnicos na vida de um filho ou filha, os pais, sem saber ao certo do que se trata, tomam providências quanto ao seu encaminhamento para médicos e psicólogos, buscando reajustar a criança e, quem sabe, evitar a repetição de fatos considerados assustadores, incômodos e desagradáveis. Não obtendo resultados satisfatórios, por não estarem os fatos mediúnicos ao alcance do entendimento de tais profissionais, os pais, em geral, buscam outro tipo de socorro. É exatamente aí que acabam procurando o centro espírita.

Nos dias atuais, são inúmeros os casos de crianças portadoras de mediunidade. Chegam

às casas espíritas, trazidas pelos pais ou responsáveis, estes buscando explicação e, não raramente, socorro, diante do que se lhes apresenta de maneira assustadora. Embora se deva assinalar que, vez que outra, os pais consideram a sua criança como detentora de alguma missão de alto nível.

É preciso que os pais compreendam que a mediunidade é uma faculdade natural do ser humano. Esta é a primeira das orientações que irão receber.

A partir deste ponto, através dos esclarecimentos que lhes serão transmitidos na casa espírita, terão outra visão a respeito da situação, compreendendo então que, quando a criança menciona a presença de um amiguinho invisível ou a vidência de outros espíritos, isto deve se encarado sem sobressaltos, sem supor que esteja mentindo e sem medo de conseqüências prejudiciais. Calma, compreensão, paciência diante dos fatos, evitando crivar a criança de perguntas atemorizando-a, como também evitar dizer que ela é um espírito de luz e que tem uma grandiosa missão.

Uma pergunta decorre em seguida: Qual o procedimento a ser adotado? Tão logo tenha entendimento, deve a criança ser orientada acerca da mediunidade?

Allan Kardec, preocupando-se com a questão da mediunidade em crianças, propôs aos Espíritos Superiores algumas perguntas atinentes ao tema, conforme a que colocamos

em epígrafe. Oportuno assinalar também a seguinte:

"Em que idade pode a criança ocupar-se da mediunidade?"

Não há idade precisa, tudo dependendo inteiramente do desenvolvimento físico e, ainda mais, do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos a quem tal coisa afetará menos do que a algumas pessoas já feitas. Falo da mediunidade em geral; porém, a de efeitos físicos é mais fatigante para o corpo; a da escrita tem outro inconveniente, derivado da inexperiência da criança, dado o caso de ela querer entregar-se a sós ao exercício da sua faculdade e fazer disso um brinquedo". (Allan Kardec, O livro dos médiuns)

Nos tempos atuais, a experiência aliada ao bom senso, tem-nos ensinado que, de maneira geral, o exercício da mediunidade não deve ser iniciado até mesmo com adolescentes que estejam em torno dos 15 ou 16 anos, a não ser em casos excepcionais. Por quê? Você que me lê deve logo querer saber. Vamos explicar.

Primeiramente, é imprescindível considerar a vida dos nossos adolescentes na atualidade. Como vivem eles em nossos dias? O que fazem, onde freqüentam, como se comporta a maioria? Os leitores, por certo, já estão formando mentalmente um quadro atualizado de nossa época. Dificilmente terão os jovens, desta faixa etária, condições para assumir um compromisso sério e perseverante que a

prática mediúnica requer. De maneira geral, a preocupação maior que domina a vida de cada jovem é aquela do vestibular, da preparação para alcançar a meta que se propuseram. Assim, em princípio, não terão condições de assiduidade e persistência, devido às próprias injunções da vida moderna. Conhecemos um número incalculável de casos, nos quais, tarefas foram assumidas por jovens, por exemplo, nas atividades da Pré-Mocidade e na Mocidade de muitas casas espíritas, as quais eles abandonaram, por falta de condições de levar adiante por este ou aquele motivo.

Outro ponto que deve ser ressaltado é que, via de regra, o adolescente encontraria grande dificuldade em realizar uma mudança de hábitos, de conduta, de ambientes, mudança esta que implicaria, inclusive, em buscar novas companhias. O que significa dizer de começar a promover, gradualmente, a sua transformação moral que o exercício da mediunidade requer, para que o médium adquira a condição espiritual e moral necessárias que lhe possibilitaria ter alguma resistência quanto aos assédios dos espíritos malfazejos, sempre interessados em criar obstáculos ao progresso espiritual das criaturas.

A prática mediúnica não é, pura e simplesmente, participar de um grupo de educação e desenvolvimento da faculdade: é todo um despertar para uma outra realidade, que traz satisfação interior, sim, porém exige,

para alcançar esse estágio, uma dedicação e empenho constantes.

Mencionamos até agora alguns aspectos da conduta pessoal do médium, porém existem outros que remetem à sua atuação na reunião mediúnica. A palavra a seguir é do Codificador:

"A prática do Espiritismo, como veremos mais adiante, demanda muito tato, para a inutilização das tramas dos Espíritos enganadores. Se estes iludem a homens feitos, claro e que a infância e a juventude mais expostas se acham a ser vítimas deles. Sabe-se, além disto, que o recolhimento é uma condição sem a qual não se pode lidar com Espíritos sérios. As evocações feitas estouvadamente e por gracejo constituem verdadeira profanação, que facilita o acesso aos Espíritos zombeteiros ou malfazejos. Ora, não se podendo esperar de uma criança a gravidade necessária a semelhante ato, muito de temer é que ela faça disto um brinquedo, se ficar entregue a si mesma". (Allan Kardec, O livro dos Médiuns)

Mencionamos, linhas atrás, que só em casos excepcionais, a prática deveria ser iniciada. É bom agora esclarecermos quando.

Realmente, existem casos que merecem uma reflexão, uma análise, por apresentarem características diferentes.

Raul Teixeira, orador e médium de Niterói (RJ), começou cedo, aí pelos 16 e 17 anos, nas atividades mediúnicas; também Yvonne

Pereira, assim como Divaldo Franco. Nosso saudoso Chico Xavier, estava a postos na tarefa da mediunidade já aos 17 anos, psicografando as páginas dos imortais da poesia. Mas estamos assinalando os missionários.

Em outros níveis, entretanto, também se torna possível o início do exercício da mediunidade nesta faixa etária. Isto é possível, quando o jovem é espírita, quando foi evangelizado desde criança, quando a família é espírita e encaminhou os filhos desde a infância; quando o jovem tem conhecimento e vivência num centro espírita. Este foi o meu próprio caso. Aos 12 anos, já era evangelizadora de crianças; aos 14, era participante da Mocidade e, aos 17, presidente da mesma. Também devemos considerar que tudo começou muito cedo em minha vida. Aos 18 anos, me casei. Na área da mediunidade, aos 16 anos, comecei a aplicar passes e a participar de reunião mediúnica. Tarefas estas que exerço ainda, com a mesma disposição e alegria dos primeiros dias. O leitor e a leitora devem também levar em consideração que tudo era muito diferente nessa época - lá se vão mais de 50 anos - é verdade! Hoje, para ser evangelizadora junto às crianças, é preciso todo um embasamento de conhecimentos doutrinários e certo nível de maturidade. Se houver alguma especialização profissional, melhor ainda, sem que seja, contudo, condição imprescindível.

Infere-se, portanto, que o atendimento e as orientações adotadas pela casa espírita, nos dias atuais, no que se refere à mediunidade na fase infantil, visa, essencialmente, a atenuar os indícios da mediunidade, mesmo que esteja sendo encarada com naturalidade pela criança e seus pais, levando-se em conta a impossibilidade de exercitá-la no momento.

O tratamento através dos passes será extremamente benéfico. Por outro lado, é da maior importância a realização do Culto do Lar, onde os familiares estejam reunidos para leitura e comentários em torno do Evangelho de Jesus. Nesses momentos, os amigos e protetores espirituais da família estarão presentes, envolvendo a todos em energias balsamizantes e pacificadoras.

Outra providência benéfica é encaminhar a criança para as aulas de Evangelização, se ela tiver idade para isso, enquanto que os pais deverão, por sua vez, participar das reuniões públicas, doutrinárias, para que recebam as primeiras noções que o Espiritismo apresenta em favor da Humanidade.

Há necessidade de que cultivem a prece, buscando elevar o ambiente do lar, o que irá modificar de maneira significativa a qualidade de vida dos que ali residem.

A mediunidade, como se conclui, é sempre um chamamento ou uma forma de alertar as pessoas para a realidade espiritual da vida. Somos espíritos imortais, vivemos entre os

dois mundos e é fundamental atendermos é: nossa necessidade de espiritualização.

Entretanto, nem sempre essa faculdade se apresenta de forma tranqüila. Podem ocorrer situações difíceis e até sofridas, como é o caso da obsessão.

CAPÍTULO 8: OBSESSÃO: O QUE É?

"(...) A obsessão decorre sempre de uma imperfeição moral, que dá ascendência a um Espírito mau." Allan Kardec "A Gênese" - Capítulo XIV, item 46.

Somos espíritos milenares.

Um espírito disse, certa vez, em nossa reunião mediúnica, que, quando no corpo físico temos a certidão de nascimento, mas que no plano espiritual, nossa pátria de origem, não existe certidão de nascimento espiritual. Portanto a nossa "idade" perde-se na noite dos tempos.

Isto nos leva a inferir que tanto faz estar na forma física de um adulto quanto de uma criança, a realidade é que o espírito que habita o corpo é milenar e a cada reencarnação escreve mais um capítulo de sua história pessoal. Estar consciente disto facilita o entendimento em relação a tudo o que cada um vivencia.

Um ponto importante que se deve levar em consideração é a questão das afinidades e sintonia. Todos têm afinidades com esta ou aquela pessoa, com este ou aquele ambiente; isto faz parte do rol das nossas predileções. Em decorrência disto, iremos, durante a vida, nos aproximar daqueles que pensam como pensamos, que têm as mesmas preferências

que as nossas, que apreciam os mesmos ambientes, etc.

Assim são também as nossas companhias espirituais. Estas são atraídas pelos mesmos motivos e permanecem junto àqueles com quem se identificam. No âmbito das afinizações espirituais, todavia, existem algumas peculiaridades que complicam bastante a situação. O fato de serem invisíveis, por exemplo, dificulta, para os encarnados, a percepção de suas presenças.

Os espíritos, por atração vibratória, se aproximam dos que lhes são afins com os quais buscam sintonia através do pensamento. Isto significa, por exemplo, que, se um espírito, quando encarnado, era usuário de drogas, ao desencarnar, manterá a mesma dependência de antes, sentindo a mesma necessidade. Para satisfazê-la, se aproximará dos encarnados que tenham vivência idêntica à que lhe era habitual mantendo-se, portanto, jungido a eles locupletando-se com as emanções que emitem. Para alcançar seu intento, caso não esteja conseguindo levar um destes ao uso imediato da droga, não hesitará em enviar pensamentos que induzam a pessoa a fazer o que tanto almeja.

Tal procedimento ocorre em relação aos mais diversos vícios, às mais diversas condutas dos seres humanos, pois o intercâmbio entre os dois mundos é intenso.

Para melhor entendimento deste processo de sintonia, vejamos o que ensina Emmanuel:

"O homem permanece envolto em largo oceano de pensamentos, nutrindo-se de substância mental, em grande proporção. Toda criatura absorve, sem perceber, a influência alheia nos recursos imponderáveis que lhe equilibram a existência. (...)

Estamos assimilando correntes mentais, de maneira permanente. (...)

**Demoramo-nos com quem se afina conosco. Falamos sempre ou sempre agimos pelo grupo de espíritos a que nos ligamos. (...)
Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos com os quais nos colocamos em sintonia. (...)**

Cada alma vive no clima espiritual que elegeu, procurando o tipo de experiência em que situa a própria felicidade". (Roteiro, Emmanuel, caps. 26 e 28)

A maioria das pessoas não tem a menor noção desta realidade que o Espiritismo veio desvendar para a Humanidade. No meu livro "Obsessão/Desobsessão", procurei ressaltar a premente necessidade de compreendermos a importância dos pensamentos que regem a nossa vida. Assim, menciono o seguinte:

**"De acordo com o que pensamos serão as nossas companhias espirituais e, parodiando a sentença popular, diremos: Dize-me o que pensas e te direi com quem andas ... ".
(Obsessão/desobsessão, Suely C.Schubert)**

Vejamos agora como Kardec esclarece quanto à obsessão:

**"A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais".
(Allan Kardec, E.S.E. cap. XXVIII, it.81)**

O Codificador explica que a obsessão pode se apresentar com três características principais: obsessão simples, fascinação e subjugação.

Na **obsessão simples, o espírito obsessor impõe-se à sua vítima, perturbando-lhe a vida e impedindo a aproximação dos bons espíritos. Pode apresentar-se com intermitências variadas, o que de certa forma favorece eventuais presenças de espíritos amigos que desejem ajudar a criatura. Isto ocorre, inclusive, na atividade do médium, quando a atuação do perseguidor bloqueia a ação dos espíritos bem intencionados no tocante às comunicações que recebe.**

A **fascinação apresenta características mais graves, por ser mais sutil. O espírito fascinador procura iludir aquele que é o alvo de sua perseguição, paralisando-lhe o raciocínio. Em consequência de tal atuação, o encarnado dificilmente acredita que está sendo enganado. Isso se dá em sua vida cotidiana e também naquele que, atuando como médium, não percebe e não admite que esteja sendo enganado.**

A fascinação difere da obsessão simples, pois nesta o espírito age às claras e importuna a vida da pessoa com persistência; entretanto o fascinador é sempre muito ardiloso e hipócrita, visto que finge ser um bom espírito; para convencer sua vítima, usa o nome de Deus e, via de regra, adota nomes de figuras veneráveis ou amadas pela pessoa.

A subjugação consiste no domínio da vontade do obsidiado por um espírito inferior. O paciente é forçado a proceder contra seus próprios princípios e desejos.

A **subjugação pode ser moral ou corporal.**

No primeiro caso, a pessoa é constrangida a tomar resoluções absurdas, comprometedoras, as quais supõe serem sensatas, não conseguindo perceber o que em realidade são; no segundo caso, o espírito atua sobre os órgãos físicos da sua vítima, provocando-lhe movimentos involuntários. Também se estende aos que trabalham na área da mediunidade, podendo apresentar-se no médium como uma vontade incessante de escrever, mesmo nos momentos inadequados.

Joanna de Ângelis aprofundando o tema, ensina:

"Normalmente, a obsessão, que se expressa através dos mecanismos mentais - telepatia, inspiração vexatória, desejo de prazeres anestésiantes, sentimentos inferiores - à medida que encontra ressonância interior por parte de quem lhe sofre o assédio, estende-se

ao organismo somático, dando lugar a instalação de enfermidades físicas ou de desajustes funcionais, que se transformam em graves distúrbios". (Joanna de Ângelis, Dias gloriosos)

Os quadros mais graves dos processos obsessivos são baseados no ódio e no desejo de vingança. Nestes casos, a obsessão na infância pode ser a continuidade de uma perseguição que ocorria antes da reencarnação daquele que é a vítima atual. Não podemos nos esquecer de que a vítima de hoje foi o algoz do passado.

Obsessões são cobranças dolorosas, sim, mas que revelam culpas subjacentes e relacionamentos complexos do passado.

Importa considerar que a obsessão não é uma novidade que o Espiritismo esteja desvendando, visto que nos próprios atos da vida de Jesus vamos encontrar passagens nas quais Ele liberta pessoas dominadas por espíritos inferiores, inclusive crianças. Podemos citar a passagem da mulher cananéia - Mt., 15:21 a 28 - que roga ao Mestre que cure a filha "miseravelmente endemoninhada". A cura do menino lunático - Mt., 17: 14 a 18 -, cujo pai pede a Jesus que tenha misericórdia de seu filho que sofre muito, "pois muitas vezes cai no fogo e muitas vezes na água".

O ser humano é o mesmo em todas as épocas e em todos os lugares da Terra. Integramos a grande família universal, e as experiências que

vivenciamos não são exclusividade nossa, nem situações raras, porém comuns, freqüentes e, sobretudo, fazem parte da laboriosa escalada evolutiva.

Diante da realidade das interferências e assédios de ordem negativa, de sugestões e induções de mentes malfazejas, assoma uma dúvida: Estamos à mercê de tudo isto? Allan Kardec responde, de maneira notável, aclarando nosso raciocínio:

"Ela [a Doutrina Espírita] admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude e, se lhe diz que, praticando o mal, ele cede a uma sugestão estranha e má, em nada lhe diminui a responsabilidade, pois lhe reconhece o poder de resistir, o que evidentemente lhe é muito mais fácil do que lutar contra a sua própria natureza. Assim, de acordo com a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre cerrar ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal, como pode cerrá-los à voz material daquele que lhe fale ostensivamente. Pode-o pela ação da sua vontade, pedindo a Deus a força necessária e reclamando, para tal fim, a assistência dos bons Espíritos. Foi o que Jesus nos ensinou por meio da sublime prece que é a Oração dominical, quando manda que digamos: "Não nos deixes sucumbir à tentação, mas livra-nos do mal." - Questão 872.(Allan Kardec, O livro dos Espíritos)

Mas como ocorre a obsessão na infância? Pode a criança ter também o seu pensamento

controlado pelo obsessor? E a proteção espiritual, não está presente?

CAPÍTULO 9: OBSESSÃO NA INFÂNCIA

Obsessão na Infância: Por que Ocorre?

"...todo o berço de agora retrata o ontem que passou." Emmanuell..!

Muitas são as perguntas que assomam à mente quanto à questão da obsessão na infância.

Durante muito tempo, mesmo em nosso meio espírita, havia a idéia de que a criança não sofria atuações de obsessores, de que era cercada de defesas naturais, como, por exemplo, a presença de seu anjo guardião, ou espírito protetor. A prática, porém, mostrou outra realidade. Assim, muitos dos achaques, doenças e problemas apresentados na fase infantil, aospoucos, foram sendo identificados como presenças de espíritos perseguidores, evidenciando que processos obsessivos também atingem as crianças.

Não é difícil deduzir que a causa profunda, nestes casos, está nas vivências pregressas, já que aquele que momentaneamente habita um corpo infantil é, na verdade, um espírito multimilenar, com uma longa história e vasto cabedal de experiências, a maioria delas comprometedoras.

Portanto, os processos obsessivos podem acontecer também na fase infantil, assim como

ocorrem os transtornos mentais e enfermidades diversas.

A respeito deste assunto, encontramos em "O Livro dos Espíritos" preciosas elucidações. Vejamos, por exemplo, a afirmação que se segue:

"Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? Algumas não há que parecem trazer do berço a astúcia a felonía, a perfídia, até o pendor para o roubo e para o assassinio, não obstante os bons exemplos que de todos os lados se lhes dão?

"Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso? As que se revelam viciosas, é porque seus Espíritos muito pouco hão progredido. Sofrem, então, por efeito desta falta de progresso, as conseqüências, não dos atos que praticam na infância, mas de suas existências anteriores". (Questão 199-1) (Allan Kardec, O livro dos Espíritos)

Cada Espírito reencarnado evidencia o seu patamar evolutivo. Daí a afirmativa de Emmanuel de que "cada individualidade renasce em ligação com os centros de vida invisível dos quais procede e continuará, de modo geral, a ser instrumento do conjunto em que mantém suas concepções e pensamentos habituais. "(Emmanuel, Roteiro)

Existem, pois, fatores predisponentes que possibilitam não apenas o assédio, mas igualmente a sintonia. Esta se faz automaticamente, por estar o Espírito recém-encarnado na mesma freqüência vibratória daqueles que intentam perturbá-lo. Tanto em adultos quanto em crianças os motivos e as causas são os mesmos.

Sabemos que, nos planos espirituais inferiores, verdadeiras hordas de espíritos necessitados, comprometidos perante as leis divinas, são subjugados por outros de condições ainda inferiores, que os mantêm em regime de escravização mental, sendo manipulados e usados para atender os fins nefastos desses nossos irmãos gravemente enfermos. À medida que esses espíritos, forçados a agir - às vezes contra a própria vontade - apresentem posições mentais receptivas, seja por esgotamento do carma doloroso, seja pelo cansaço e desespero que os levam a pedir socorro a Deus, denotando arrependimento e mudança de faixa mental, são resgatados dos vales de aflições em que se encontram e levados para hospitais adequados às suas novas disposições. Havendo condições e premente necessidade, são encaminhados para o retorno à esfera física, quando novos ensejos lhes são concedidos de ressarcimento e progresso espiritual.

Importa considerar que são quase infinitas as nuances desses processos, que vão desde circunstâncias agravantes quanto atenuantes, a influenciarem decisivamente o conjunto das

experiências que cada um dos reencarnantes irá vivenciar.

Embora possam ser muito dolorosas tais vivências no plano terreno, é certo que são bem mais suportáveis que os sofrimentos que esses Espíritos padeciam antes de reencarnar. O novo corpo ameniza bastante os estados aflitivos em que se encontravam, que tinham sua nascente na própria consciência que o remorso calcinava ou no ódio e revolta em que se consumiam. O renascimento e o esquecimento do passado propiciam-lhes considerável alívio, ainda que em situações difíceis por conta de um veículo físico que apresente limitações. Vale dizer que os distúrbios mentais surgem em decorrência dessas mesmas experiências pregressas.

Entretanto, durante o trânsito carnal, as novas oportunidades para a grande maioria desses espíritos reencarnados nessas condições mencionadas, podem ainda expressar vínculos com aqueles que os atormentavam anteriormente, seja por débitos graves do passado, seja por preferência própria em manter sintonia com tais entidades, tal como elucidada Emmanuel, linhas atrás.

Portanto as obsessões na infância trazem raízes profundas no pretérito e podem assomar desde muito cedo na vida dessas crianças.

Complementando as elucidações sobre o tema, passamos a palavra ao Dr. Carneiro de Campos, conforme registra a obra "Trilhas da

Libertação", ditado pelo espírito Manoel Philomeno de Miranda, psicografia de Divaldo Franco. O ilustre médico baiano (espírito) profere palestra no plano espiritual e ao término responde perguntas dos que o assistiam, entre eles, José Petitinga e Miranda. Tendo abordado aspectos profundos sobre os processos obsessivos, numa conversação posterior à sua explanação, é interrogado por Miranda acerca da delicada questão das crianças obsidiadas e como deve ser o procedimento nesses casos. Vejamos a resposta do Dr. Carneiro de Campos:

- "Não desconhecemos que a obsessão na infância tem um caráter expiatório, como efeito de ações danosas de curso mais grave. Não obstante, os recursos terapêuticos ministrados ao adulto serão aplicados ao enfermo infantil com mais intensa contribuição dos passes e água fluidificada - bioenergia -, bem como proteção amorosa e paciente, usando-se a oração e a doutrinação indireta ao agente agressor - psicoterapia -, por fim, através do atendimento desobsessivo mediante o concurso psicofônico, quando seja possível atrair o "hóspede" à comunicação mediúnica de conversação direta.

A visão do Espiritismo em relação à criança obsidiada é holística, pois que não a dissocia, na sua forma atual, do adulto de ontem quando contraiu o débito. Ensina que infantil é somente o corpo, já que o Espírito possui uma diferente idade cronológica, nada correspondente à da matéria. Além disso,

propõe que se cuide não só da saúde imediata, mas sobretudo da disposição para toda uma existência saudável, que proporcionará uma reencarnação vitoriosa, o que equivale dizer, rica de experiências iluminativas e libertadoras. Adimos a terapia do amor dos pais e demais familiares envolvidos no drama que afeta a criança". (Trilhas da Libertação, Manoel P.de Miranda).

CAPÍTULO 10: A CRIANÇA OBSIDIADA

A Criança Obsidiada: Como Proceder?

... "Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. "Allan Kardec

"O Evangelho Segundo o Espiritismo" Capítulo v: item 6.

Sombrio é o panorama da atualidade terrena. A mídia divulga a todo momento quadros dolorosos de miséria, crueldade, terrorismo, tortura, guerras, tudo isto a expressar as condições evolutivas da Humanidade. Entretanto, numa visão mais profunda, o Espiritismo esclarece as causas dos desencontros e dos sofrimentos que assolam os seres humanos, ao mesmo tempo em que desvenda o contínuo intercâmbio mental entre os dois mundos e seus habitantes, encarnados e desencarnados. Esta interação, todavia, nem sempre é positiva e benéfica. Tanto lá como aqui, as criaturas são as mesmas, com suas paixões e vícios, suas virtudes e conquistas positivas.

Conforme foi dito nos capítulos anteriores, também as crianças participam deste mesmo intercâmbio, de forma natural, sem que se dêem conta disso, seja pela aproximação de seus espíritos protetores, seja pela presença

de desafetos do passado ou de antigos comparsas.

Crianças obsidiadas - espíritos milenares vinculados ao passado e, muito freqüentemente, sintonizados com desafetos, hoje perseguidores/ vingadores que se aproximam para cobrar o que julgam lhes ser de direito e justiça.

A ação dessas entidades inferiores se mostra de diferentes maneiras, desde as perturbações do sono, causando pesadelos que infundem o terror noturno, tanto quanto provocando inquietação, irritação, medo, agressividade, mudança de comportamento, depressão, tristeza, complexos diversos, perturbações de aprendizado, até suscitando idéias terríveis de maldades, suicídio, etc.

No meu livro "Obsessão/Desobsessão", escrevi sobre o assunto e registro, a certa altura:

"Pequeninos seres que se nos apresentam torturados, inquietos, padecentes de enfermidades impossíveis de serem diagnosticadas, cujo choro aflito ou nervoso nos condói e impele à prece imediata em seu benefício, são muita vez obsidiados de berço. Outros se apresentam sumamente irrequietos, irritados, desde que abrem os olhos para o mundo carnal. Ao crescerem, apresentar-se-ão como crianças-problema, que a Psicologia em vão procura entender e explicar".

Diante de um quadro destes, os pais mais previdentes logo encaminham os filhos para médicos e psicólogos, cujo valor desses profissionais reconhecemos, mas que no âmbito das patologias espirituais quase nada poderão fazer.

Ao longo dos anos, temos acompanhado muitos casos de obsessão na infância, como também de assédios de espíritos perseguidores provocando reações sofridas nas pequenas vítimas de hoje. Relatamos a seguir um caso que teve um desfecho favorável.

L. D. M., menina de seis anos, compareceu com a mãe à Sociedade Espírita "Joanna de Ângelis". Esta informou que a filha era hiperativa, com um gênio muito difícil e que, inclusive, dizia não gostar da própria mãe. À noite, desde muito pequena, gritava, chorava, mas, de dia, não se lembrava de nada. Ultimamente, porém, L.D.M. passou a dizer que via junto à sua cama uma mulher muito feia, a lhe dar ordens, até mesmo falando que deveria infernizar a vida dos pais, em especial, a da mãe, pois que esta era muito má. A menina contou o fato ao pai e este à esposa. De início procuraram uma psicóloga, porém, houve pouca melhora. Em meio a vários conselhos de parentes e amigos, resolveram procurar um centro espírita, porque em certos momentos a filha parecia uma pessoa adulta nas atitudes agressivas em relação à mãe e, em outros, era carinhosa e agia como uma criança de sua idade. Ali

estavam as duas buscando ajuda. Após as orientações habituais e necessárias à situação, a mãe se comprometeu a seguir o tratamento espiritual para a menina, o que realmente aconteceu, havendo, logo depois, a aquiescência e comparecimento do pai. Os nomes foram encaminhados para a reunião de desobsessão. O espírito se comunicou. Era uma mulher que dizia se vingar da mãe da criança, porque esta lhe tomara o amante, em existência anterior, e agora ainda estava com ele, como marido e pai da menina. Resolveu, então, que, para sua vingança, deveria castigar a mãe através da filha. Foi esclarecido ao espírito comunicante que a sua atuação malévola não lhe traria de volta o ex-amante, pois ele amava muito à filha e, se tomasse conhecimento do que ela estava fazendo, passaria a odiá-la. Que o melhor para ela própria seria o de atuar pelo amor, pela dedicação ao bem, que com este procedimento conquistaria o respeito e a admiração do homem a quem amava. Também lhe foi mostrada a necessidade de procurar a sua felicidade pessoal, que à sua frente se abria um caminho novo, junto a entes queridos ao seu coração, aos quais não percebia, por ter a mente fixada na idéia da vingança e no empenho de reconquistar o amor de outrora. As argumentações tocaram as fibras mais sensíveis da mulher, que ali mesmo desistiu de seus propósitos, partindo para uma nova vida ao lado de espíritos que a amavam. A partir do tratamento espiritual, a menina teve uma notável transformação e o lar foi pacificado.

Caso ocorrido em 1991.

Nem sempre, contudo, se consegue uma solução satisfatória. Nos casos mais graves, podem acontecer, associados ao processo obsessivo, um tipo ou outro de transtorno mental, como também, enfermidades de difícil diagnóstico, súbitas mudanças de comportamento ou, ainda, lares tumultuados nos quais imperam a rivalidade, o ciúme, as rixas constantes, aversões entre familiares, enfim, conflitos e situações complexas, levando multidões de pessoas, em diferentes partes do mundo, ao desespero, ao desânimo, ao sofrimento e a reações desequilibradas.

No livro "Dramas da Obsessão", de autoria do espírito Dr. Bezerra de Menezes, psicografado por Yvonne Pereira, encontramos o relato do drama da família de Leonel, este, um obsidiado de berço, tendo igualmente uma filha também obsidiada desde a infância.

Na seqüência, ressaltamos, por oportuno, o capítulo 7 do livro de André Luiz "No Mundo Maior", no qual é relatado o dramático processo redentor de um espírito muito endividado perante as Leis Divinas.

Informa Calderaro, o nobre instrutor espiritual de André Luiz, que havia algum tempo prestava assistência a uma criança gravemente enferma e à sua mãe. Na residência em questão, André se defronta com um doloroso quadro de sofrimento de um menino de oito anos que, segundo Calderaro, "é paralítico, não fala, não anda, não chega a

sentar-se, vê muito mal, quase nada ouve". Essa situação atual, porém, não expressava um castigo divino, mas uma pena severa lavrada por ele mesmo, antes do retorno ao plano carnal. Agravando a situação, estavam próximas ao doentinho duas entidades de estranho aspecto, evidenciando serem desafetos em processo de vingança.

No passado, o espírito, agora na forma infantil, detendo o poder nas mãos, decretou a morte de muitas pessoas durante uma guerra civil e, aproveitando-se do tumulto que se estabeleceu na área político-administrativa, estendeu sua ação danosa para vingar-se de desafetos pessoais, em meio ao ódio e destruição. Após a morte, padeceu por longo tempo em regiões inferiores atormentado por muitas de suas vítimas. O tempo, todavia, propiciou que várias delas lhe perdoassem, restando agora os dois espíritos que ali estavam ao seu lado e que o seguiram quando reencarnou. Entretanto, os dois vingadores também já apresentavam sinais de transformação, o que deveria ocorrer em breve.

O instrutor espiritual elucida que "o espírito não retrocede em hipótese alguma, todavia as formas de manifestação podem sofrer degenerescência, de modo a facilitar os processos regenerativos. Todo mal e todo bem praticados na vida impõem modificações em nosso quadro representativo. (...) Semeou o mal e colhe-o agora. Traçou audacioso plano de extermínio, valendo-se da

autoridade que o Pai lhe conferira, concretizou o deplorável projeto e sofre-lhe as conseqüências naturais de modo a corrigir-se. Já passou a pior fase. Presentemente, já se afastou do maior número de inimigos, aproximando-se de amoroso coração materno, que o auxilia a refazer-se, ao término de longo curso de regeneração."

Devemos ter em mente que a enfermidade, as limitações físicas ou mentais, na verdade, são processos de cura para o espírito enfermo. O corpo físico é o escoadouro das energias deletérias acumuladas pelo espírito quando pratica ações criminosas, visto que estas o desarmonizam e desequilibram vibratoriamente, prejudicando em primeiro lugar a ele mesmo.

Em meio a tal situação dolorosa, o menino recebia de sua mãezinha, uma jovem senhora de menos de trinta anos, amor e dedicação constantes. André presenciou o momento em que ela o levantou cuidadosamente do leito e o abraçou "com o mais terno dos carinhos." Com ele no colo, entrou em prece, entremeada de ponderações a respeito do enfermo querido. Chorando, implorava a bênção divina para que não lhe faltassem as energias diante da luta que enfrentava. Calderaro, aproximando-se, colocou as mãos sobre os lobos frontais dela, passando a irradiar pensamentos que lhe falavam ao coração e infundiam-lhe coragem, esperança e ânimo.

Olhando o filhinho agora mais tranqüilo, a jovem mãe como que ouviu os pensamentos sublimes. "Sim, Deus não a abandonaria - meditava; dar-lhe-ia forças para cumprir até ao fim o cometimento que tomara a ombros com a beleza do primeiro sonho e com a ventura da primeira hora. (...) Serviria ao Senhor sem indagar; amaria seu filho pela eternidade; morreria, se preciso fora, para que ele vivesse."

Observando a cena, Calderaro deu por finda a tarefa de assistência daquele dia. E arrematou:

"-Examinando essa criança sofredora como enigma sem solução, alguns médicos insensatos da Terra se lembrarão da morte suave; ignoram que entre as paredes deste lar modesto, o Médico Divino, utilizando um corpo incurável e o amor, até o sacrifício, de um coração materno, restitui o equilíbrio a espíritos eternos, a fim de que sobre as ruínas do passado possam irmanar-se para gloriosos destinos". (André Luiz, No mundo maior)

O tratamento espiritual abrange alguns aspectos extremamente necessários à recuperação da criança e familiares. Quando a família aceita a orientação espírita, torna-se mais fácil alcançar bons resultados. Deve-se esclarecê-los da necessidade de se manter um ambiente o mais harmonioso possível no grupo doméstico, onde cada um se empenhe em melhorar os relacionamentos. Para tanto, é imprescindível a realização do Culto do Evangelho no Lar, pelo menos uma vez por

semana. Os pais devem ensinar desde cedo os seus filhos o hábito da oração, seja em que religião for. Todavia, muitos se esquecem ou não se preocupam com esta parte da educação e formação da pessoa de bem, que é a parte da religião. Dentre os pontos da orientação espírita, destaca-se o tratamento através dos passes e a freqüência dos familiares às reuniões doutrinárias, para que, aos poucos, possam ir assimilando os princípios luminosos do Espiritismo. Se for possível, a criança deve ser encaminhada para as aulas de Evangelização Infantil.

Por outro lado, a estrutura das reuniões de desobsessão possibilita o atendimento às entidades que estejam envolvidas com o caso, sem que seja necessária a presença de qualquer um dos familiares à reunião.

A palavra final deste capítulo é de Divaldo Franco, esclarecendo quanto à questão de processos obsessivos na infância, conforme registra o livro "Palavras de Luz". Ele afirma:

"A criança, portadora de uma problemática de tal natureza (a obsessão), deve receber passes na casa espírita em dia próprio, usar água fluidificada. Devem ser orientados os seus pais para melhor saberem conduzir-se junto à criança e como conduzi-la, a fim de minimizar-lhe a dor e libertá-la desta aflição que procede de vidas passadas.

Nunca é conveniente levar a criança a assistir reunião espírita de natureza mediúnica, conforme prescreve "O Livro dos Médiuns".

Kardec aborda a questão, elucidando que crianças não devem participar de experiências práticas, diga-se, mediúnicas, da Doutrina Espírita, pois que, para os Espíritos se comunicarem, não se faz necessária a presença do seu paciente". (Palavras de Luz, Divaldo Franco).

**CAPÍTULO
11:
TENDÊNCIA
AO
SUICÍDIO
NA
INFÂNCIA**

**"Tem o homem o direito de dispor da sua vida?
"Não; só a Deus assiste este direito. O suicídio voluntário é uma transgressão dessa lei." Allan Kardec, "O Livro dos Espíritos" - questão 944**

As estatísticas mundiais assinalam um aumento de suicídios na adolescência, o que é extremamente preocupante. Algumas indagações vêm à tona e nos perguntamos: O que leva uma criança ou um adolescente mal saído da infância a ter idéia de se matar? Por que isso ocorre?

A resposta a estas perguntas já foi apresentada nos capítulos anteriores: a criança é um espírito milenar - este é um ponto que estamos firmando várias vezes nesse livro, visto que é a única explicação plausível, lógica e racional face a situações tão dolorosas quanto esta que estamos enfocando.

A Doutrina Espírita evidencia a relação existente entre a obsessão e o suicídio, mostrando que, em casos de maior gravidade, pode surgir a tendência ao suicídio, em virtude de idéias neste sentido que o obsessor envia; idéias estas que podem assumir a feição de

ordens imperiosas, mediante a ascendência que o espírito consegue sobre sua vítima. Não esqueçamos que a dívida do passado é uma porta aberta à invasão do cobrador e a sensação de culpa torna o devedor fragilizado.

Em princípio, registramos a palavra sempre abalizada de Manoel Philomeno de Miranda sobre o assunto.

Em página inserta no livro "Temas da Vida e da Morte", ele ressalta a opinião de alguns profissionais da área da saúde mental - que, sendo materialistas, afirmam que baixas cargas de serotonina no cérebro seriam responsáveis pelo impulso suicida, esclarecendo que os neurotransmissores que atuam no controle de atividade cerebral, respondendo pela área da emoção, são causadores de muitas ocorrências psíquicas, emocionais e físicas. Entretanto informa Miranda, nada mais são do que efeito: "de outros fatores mais profundos, aqueles que procedem do Espírito que comanda a câmara cerebral, exteriorizando-se na mente e na fisiologia desses microinstrumentos que constituem a sede física do pensamento e de outras igualmente importantes funções da vida humana."

Em seqüência, Miranda cita o dramático problema do suicídio na infância. Observemos suas ponderações, quando, referindo-se ao suicídio, aduz que este "assume gravidade e constrangimento maiores, quando crianças, que ainda não dispõem de discernimento,

optam pela aberrante decisão", citando fatores que podem contribuir para isto:

"Amadurecidas precipitadamente, em razão dos lares desajustados e das famílias desorganizadas; atiradas à agressividade e aos jogos fortes com que a atual vida social as brinda, extirpando-lhes a infância não vivida, sobrecarregando-se de angústias e frustrações que as desgastam, retirando-lhes da paisagem mental a esperança e o amor. Vazias, desprovidas do afeto que alimenta os centros vitais de energia e beleza, vêm-se sem rumo, fugindo, desditosas, pela porta mentirosa do suicídio.

"Ademais, grande número delas, suicidas do passado, renascem com as impressões do gesto anterior e, porque desarmadas, na sua quase totalidade, de equilíbrio, vendo, ouvindo e participando dos dramas em que se enleiam os adultos que as não respeitam, antes considerando-as pesados ônus que devem pagar, repetem o ato infeliz, tombando nas refregas da dor, que posteriormente as trarão de volta em expiações muito laceradoras.

"Uma análise mais íntima do fenômeno autodestruidor leva também a sutis ou violentas obsessões que o amor enlouquecido e o ódio devastador fomentam, além da cortina carnal". (Temas da vida e da morte, Manoel P. de Miranda)

Nem sempre, porém, a tendência ao suicídio ocorre por processo obsessivo grave. Existem duas situações que influem decisivamente

para que a criança apresente, desde cedo, o desinteresse pela vida, a idéia de morrer como se a isso fosse impelida pela própria vontade. No primeiro caso, pode tratar-se de um espírito que recusou o retorno à vida corporal, por medo das provações resultantes de sérios comprometimentos perante as leis divinas. Tais espíritos, ao se conscientizarem dos seus atos criminosos, passam a temer a volta ao corpo físico e as dificuldades que terão de enfrentar. Todavia, retornam, cumprindo-se assim a lei de ação e reação, conforme a afirmativa de Jesus: " a cada um segundo as suas obras". São crianças, às vezes, tristonhas, chegando à depressão, outras se apresentam rebeldes, difíceis, medrosas, enfim, denotando conflitos íntimos, inconscientes, que ressumam através dessas reações.

Queremos deixar bem claro que estamos no terreno das probabilidades. Isso não quer dizer que toda criança tristonha, rebelde ou medrosa esteja inserida nesse contexto, pois existem 'n' razões espirituais para quaisquer tipos de vivências. Fato é, porém, que em certos casos de tendência ao suicídio a explicação poderia ser a que acima mencionamos.

Uma outra situação pode ocorrer, quando o espírito que retorna à vida física foi suicida na existência precedente, conforme menciona o benfeitor Miranda. Neste caso, há uma provável tendência a cometer o mesmo gesto na vida atual. Isto, contudo, não é um

determinismo da Lei Divina, mas sim uma fraqueza moral e espiritual do próprio espírito. Importa ter em mente que isto não significa que ele, inexoravelmente, irá repetir o gesto anterior, pois a reencarnação expressa em seus mecanismos diferentes e diversas oportunidades ao espírito, em nova vestimenta carnal, de vencer e conquistar um novo patamar de entendimento. Muitos fatores positivos poderão exercer influência significativa no fortalecimento do espírito faltoso, pois sabemos que o Pai do Céu é misericordioso e magnânimo. Todos somos filhos de Deus e "herdeiros do Universo", conforme a palavra sábia de Joanna de Ângelis.

Relatamos a seguir um caso de vingança espiritual, exercida por um espírito.

J.C., menino de oito anos, foi levado pelos pais à Sociedade Espírita "Joanna de Ângelis" , onde trabalhamos. Os pais relataram que o filho, havia alguns meses, passou a ter medo de dormir, pois, quando se deitava e após a mãe apagar a luz do quarto, via um homem de aspecto horrível a lhe dizer que deveria pegar uma faca e se matar. Quando estas visões começaram, o seu pavor era tão grande, que ficava imobilizado, sem conseguir reagir, o coração disparado, fechava os olhos bem apertados, mas o homem continuava ali. Chorava baixinho até adormecer pelo cansaço. Criou coragem e contou para os pais, que procuraram acalmá-lo dizendo ser um pesadelo. A mãe dizia, repetidas vezes, que ele

deveria rezar. A partir do dia do relato, começa a reagir melhor e, quando o homem aparecia gritava bem alto, os pais logo corriam para junto dele e a visão desaparecia. Pediu que permitissem ter uma lâmpada acesa no quarto pois o escuro como que facilitava a indesejável presença. Diante da situação, os pais foram aconselhados por um parente a procurar ajuda num centro espírita. E ali estavam em busca de orientação, dispostos a seguir as nossas instruções. Após explicarmos as questões mais pertinentes ao caso, como as visões, o espírito perseguidor, a necessidade da prece, também deixamos evidenciada a possibilidade de uma melhora significativa para o menino. Explicamos a questão do tratamento espiritual através dos passes, a necessidade de realizarem o Culto do Evangelho no Lar e a possibilidade da presença deles nas reuniões doutrinárias e do filho nas aulas de Evangelização. Concordaram prontamente, mencionando que tinham simpatia pelo Espiritismo, inclusive, vez que outra, iam a uma casa espírita próxima à sua residência, para "tomarem passes". O nome do menino foi encaminhado para a reunião de desobsessão, sendo que o espírito que o atormentava se manifestou algumas vezes, relatando o seu propósito de vingança, pois J. C., no passado, o havia assassinado, razão pela qual queria agora levá-lo ao suicídio. Finalmente, se conscientizou da própria situação e foi encaminhado pelos Benfeitores Espirituais. Por sua vez o menino foi se acalmando, não mais teve visões. Hoje, é um adulto equilibrado. Com o tempo, a família

passou a freqüentar a casa espírita mais próxima de onde moravam. Caso ocorrido no ano de 1994.

Nota-se, no caso relatado, a importância do apoio e compreensão da família, que, prontamente, atendeu as orientações, atuando decisivamente, com amor e persistência, para que o filho fosse beneficiado.

CAPÍTULO 12: OBSESSÃO NA FAMÍLIA

""Vinculados os Espíritos no agrupamento familiar pelas necessidades da evolução em reajustamentos recíprocos, no problema da obsessão, os que acompanham o paciente estão fortemente ligados ao fator predisponente, caso não hajam sido os responsáveis pelo insucesso do passado, agora convocados à cooperação no ajustamento das contas." Manoel Philomeno de Miranda" (Grilhões Partidos)

A família não é constituída ao acaso, lembra Herculano Pires.

Emmanuel ensina que o lar é a escola viva das almas. (Emmanuel)

Embora em nossos dias muitos núcleos familiares se formem e se dissolvam com rapidez, ainda assim, a aproximação e o estabelecimento de vínculos mais profundos entre os indivíduos por força de consangüinidade ou de convivência doméstica não é ocorrência fortuita e meramente casual.

É no círculo familiar que se reencontram aqueles que em existências anteriores se comprometeram e que agora ali estagiam, em busca de reajuste e de reequilíbrio ou promovendo o fortalecimento de laços afetivos já existentes.

A família é, portanto, um espaço vivo de convivência onde se manifestam os compromissos, as inimizades, os amores mal resolvidos como também os afetos de ontem a se reencontrarem no presente. Tudo isto, todavia, tem, hoje em dia, uma fisionomia própria de acordo com o período conturbado em que vivemos.

A construção de um núcleo familiar proporciona, assim, a presença de espíritos milenares que se encontram ou reencontram, por mais fortuito tenha sido o relacionamento sexual que tenha dado origem à sua formação, Sabemos que os espíritos são atraídos para junto daqueles que lhes servirão de pais, seja por automatismo, como no caso da maioria das reencarnações padronizadas, seja através de programações espirituais elaboradas de comum acordo com os reencarnantes, numa gama infinita de características, valores e aquisições individuais.

A mentora Joanna de Ângelis esclarece:

"A família é, antes de tudo, um laboratório de experiências reparadoras, na qual a felicidade e a dor se alternam, programando a paz futura". (Joanna de Ângelis, Otimismo)

Inúmeras são as dificuldades que o grupo doméstico enfrenta, mormente nos dias atuais, quando a família está sendo desprestigiada por uma parte da própria sociedade, embora sejam reconhecidos, pelo menos teoricamente,

a sua importância e valor, enquanto instituição social.

Dentre os problemas comuns e habituais, tais como os referentes a enfermidades, crises financeiras, baixa renda familiar, desemprego, aluguel, dificuldades na educação e instrução dos filhos, condutas viciosas, pais ou responsáveis totalmente despreparados, além dos conflitos existenciais, os de relacionamento, rejeição, dificuldades de adaptação e convívio, enfim, reações e emoções desequilibradas que podem culminar em agressões e violência assomam também as obsessões de cunho espiritual.

Abordaremos neste capítulo dois tipos de situação quanto à obsessão no núcleo familiar. A primeira refere-se à presença de espíritos obsessores atuando sobre um dos membros da família.

Adverte, com muita sabedoria, Manoel Philomeno de Miranda, já no ano de 1980, que a obsessão está grassando de maneira epidêmica, sendo este um "problema de emergência", tal como explana no prefácio do meu livro "Obsessão/Desobsessão" .

Dele é a palavra a seguir:

"O problema da obsessão é, cada vez, mais grave, generalizando-se numa verdadeira epidemia, que assola as multidões engalfinhadas em lutas tiranizantes. (...)

Amores e ódios, afinidades e antipatias não se desfazem sob o passe de mágica da desencarnação.

Em razão disto, as atrações espirituais, por simpatia quanto por animosidade, vinculam os afetos como unem os adversários no processo do continuum da vida.

Não somente o ódio, porém, responde pela alienação por obsessão.

Fatores outros, do passado e do presente espiritual de cada um, tornam-se a gênese vigorosa deste rude e necessário mecanismo de depuração dos que delinqüem ...

Amores selvagens, nos quais prevalecem os instintos primitivos; interesses subalternos, que se atribuem direitos de dominação a posse; invejas perniciosas, acionando os mecanismos de destruição; mórbidos ciúmes, que rastreiam aqueles que lhes padecem as injunções, insaciáveis; calúnias e traições, que dormiam, ignoradas, e a desencarnação despertou; avarezas da sordidez, que se permitem a insânia de prosseguir arremetendo contra quem lhes ameace a mesquinhez; orgulhos desvairados e suspeitas felinas, em conciliábulo de loucura; toda uma vasta gama de motivos injustificáveis, certamente, jazem-se responsáveis pelas ultrizes perturbações que atormentam, desagregam, anulam ou levam ao suicídio muito maior número de incautos do que se pode supor". (Manoel P.de Miranda, Obsessão/Desobsessão)

Obsessões, portanto, acontecem em larga escala. A ocorrência de casos de crianças obsidiadas é muito mais freqüente do que imaginamos. Adultos ou crianças, todos somos espíritos com uma história pregressa que vem de muito longe.

Inferre-se, pois, que espíritos que retornam ao cenário terrestre trazendo graves comprometimentos perante as leis divinas, podem apresentar, desde tenra idade, reações psicológicas, orgânicas e de conduta que não se enquadram nos cânones da Medicina atual, dando abertura para outras possibilidades, cabendo então a alternativa espiritual, hoje muito mais aceita e difundida. Na verdade, tais crianças apresentam quadros de processos obsessivos, havendo a presença de um ou mais espíritos perseguidores.

Uma das técnicas dos espíritos obsessores é a de atormentar toda a família, embora o alvo seja a criança, usando-a para alcançar seus fins, tornando-a nervosa, inquieta, amedrontada, irritada, levando-a ao choro constante ou instigando-a para que faça toda espécie de estripulias, sabendo que isso desequilibra igualmente a família. O ambiente conturbado serve assim aos seus propósitos.

É preciso deixar bem claro que quando um espírito malfazejo se aproxima de um membro de determinada família e aí encontra campo propício para o seu assédio, isto não ocorre por acaso, mas, sim, por atração vibratória que o imanta àquele do qual deseja vingar-se. É

imprescindível ter em mente que o algoz de hoje foi a vítima de ontem. Quanto a alguns familiares, de uma forma ou de outra, igualmente fazem parte desse passado. A Justiça Divina não falha, não comete erros: "a cada um segundo as suas obras", ensinou o Mestre dos mestres.

Quais seriam essas relações do passado?

Como uma pessoa se vincula a outra e isto passa para a outra vida?

Relacionamentos tumultuados que culminaram em crimes em vidas pretéritas quase sempre dão origem a cobrança nos dias atuais, visto que ninguém consegue progredir carregando pesados fardos de dívidas, de culpas. Tais relações conflituosas podem ter sido, por exemplo, de envolvimento amoroso, que culminou em traições, tragédias passionais; ou de dívidas decorrentes de negócios, de prejuízos que alguém causou a outrem; ou ainda de rixas diversas decorrentes de heranças ou de intrigas políticas, disputa de poder, etc. Todas tais situações de graves conseqüências prosseguem vivas no mundo espiritual, após a morte do corpo, e os envolvidos se mantêm enredados em suas próprias teias. O renascimento de um deles não desfaz os liames dos comprometimentos, podendo resultar, por parte de algum desafeto desencarnado, a continuidade da vingança em processo insidioso de obsessão, que irá buscar a sua vítima onde e em qual situação esteja. Essa atuação maléfica, portanto, alcança

também a família. É interessante mencionar que num mesmo círculo consangüíneo, às vezes, se reúnem um ou outro cúmplice ou mesmo algum desafeto, como também, para equilibrar a situação familiar, reencarna um espírito querido de todos com a tarefa de colaborar para a rearmonização geral.

A segunda situação acontece quando um obsessor - ou mais de um - passa a cobrar e a exercer a sua vingança sobre toda a família, procurando dominar mentalmente alguns de seus integrantes para alcançar seus objetivos. Em casos assim, nota-se uma perturbação generalizada no ambiente doméstico, a começar pelas crianças, que, sendo alvos das vibrações desequilibradas, se tornam irritadas, nervosas, briguentas, mal-humoradas, podem apresentar insônia, pesadelos, o que atinge, como é natural, os adultos. Naturalmente, o assédio de tais entidades só terá êxito se encontrarem nos encarnados brechas morais e o campo mental negativo, invigilante e desequilibrado, o que favorecerá a sintonia. Caso haja no lar o cultivo da prece, a harmonia e o amor as defesas espirituais estarão fortalecidas, dificultando a ação perturbadora.

Pela psicografia da querida médium Yvonne A. Pereira, legou-nos o Benfeitor Espiritual, Dr. Bezerra de Menezes, um livre esclarecedor sobre o assunto, "Dramas de Obsessão". Em certo trecho da obra, o autor ensina:

"Existem obsessões baseadas no ódio e no desejo irrefreável de vinganças,

insolúveis numa só etapa reencarnatória, as quais serão incomodativas, desesperadoras podendo levar séculos exercendo o seu jugo sobre a vítima, estendendo-o mesmo à vida no Invisível e invertendo o domínio da possessão em existências subseqüentes, até que os sofrimentos excessivos, provenientes de tão ardentes lutas, bem assim a reflexão e o desejo de emenda, obriguem os litigantes à renúncia do passado pela abnegação do porvir, o que os fará reencarnar unidos pelos laços de parentesco muito próximo - constantemente como irmãos consangüíneos e até como pais e filhos e mesmo cônjuges - a fim de que mutuamente se perdoem e se habituem a um convívio pessoal, a uma junção familiar persistente, que, conquanto se apresente como provação e, não raro, como expiação, acaba por estabelecer vínculos de afetividade indestrutíveis em suas almas, desaparecidas, então, completamente, as antigas animosidades". (Bezerra de Menezes, Dramas da obsessão)

Ao longo dos anos, defrontamo-nos com diversos casos de obsessão envolvendo alguns membros de uma mesma família. Um desses casos ocorreu entre os anos de 1995 e 1996.

Atendemos uma senhora que chamaremos aqui de D. Maria. Ela veio acompanhada da filha, uma adolescente de 14 anos, passando a relatar os problemas que estava enfrentando em seu lar, que, na sua opinião, deveriam ser provenientes de "coisas muito ruins". A filha, vivia sendo "tomada" por espíritos; estes

xingavam e ameaçavam todos os parentes e diziam que iriam acabar com a família. A mocinha ficava horas "possuída" por tais entidades e dava muito trabalho para voltar ao normal. No princípio, a coisa era só de minutos, depois foi se alastrando, e chegou a tal ponto. O irmão, com 17 anos, logo depois começou a beber, chegava a casa embriagado, violento, querendo bater em quem estivesse por perto e quebrar tudo à sua volta. O marido não conseguia emprego e ela era o único sustento da família, como faxineira em diversas casas e lojas. Trabalhava todos os dias, às vezes, duas faxinas no mesmo dia. Quando o filho não estava bebendo, brigava com a irmã, não se dava bem com o pai; D. Maria, por seu lado, julgava que o marido não se esforçava, que era preguiçoso, por isso viviam brigando. Enfim a vida era um verdadeiro inferno! Conversamos demoradamente com a mãe e a filha. Esta ressaltou que gostava muito da mãe, mas que não sabia como fazer para controlar as manifestações e que tinha medo dos espíritos. Foram necessários alguns atendimentos em seqüência durante algumas semanas, para explicar os fatos no âmbito espiritual, instruir a mocinha quanto à possibilidade de controlar as manifestações; por outro lado, esclarecemos à senhora da necessidade das preces no lar, de tentar conseguir que o marido e o filho comparecessem para conversarmos e estabelecermos uma programação para o tratamento espiritual. O marido veio logo, na semana seguinte, e notamos ser ele uma pessoa de bom coração,

humilde e que estava batalhando para conseguir um emprego fixo: fazia alguns biscates. Levamos os nomes para a reunião de desobsessão e vários espíritos se manifestaram, declarando-se cobradores da família, relatando o passado e a sede de vingança que os dominava. Alguns meses transcorreram, até que o mais ferrenho desafeto da família desistisse de seus propósitos. Enquanto isto, a família passou a comparecer assiduamente para ouvir as palestras e receber passes. Durante dois anos, acompanhamos a família. O marido, um mês e pouco após começarem a freqüentar a SEJA, conseguiu emprego como porteiro de um prédio, devido aos seus bons antecedentes. A jovem voltou à escola e, vez que outra, ainda sentia as influências de algum espírito; o rapaz continuou a beber, embora com maior intervalo e mais calmo. A vida melhorou consideravelmente. Entretanto, como é comum, foram espaçando a participação na casa e depois não tivemos mais notícia dessa família.

Somente o Espiritismo dispõe dos recursos imprescindíveis para atender a todas essas angústias humanas, especialmente nesse complexo campo das obsessões de ordem espiritual, tais como o atendimento fraterno, o tratamento através dos passes - também chamado de Fluidoterapia -, as palestras doutrinárias que visam a transmitir os conhecimentos espíritas, que esclarecem quanto às causas dos sofrimentos humanos e que são altamente consoladores, abrindo para

cada um novas perspectivas de vida, com mais coragem, esperança e, sobretudo, com a fé raciocinada, que ilumina e liberta as almas.

Por outro lado, é imprescindível enfatizarmos a necessidade da transformação moral, da reforma interior a partir de uma reformulação de hábitos que tem como ponto inicial a higienização da casa mental. A palavra abalizada de Manoel Philomeno de Miranda elucida:

"Em face do quadro múltiplo das auto-obsessões, das obsessões simples e complexas como das que se manifestam em áreas mistas de alienação por interferência espiritual, a contribuição do enfermo é imprescindível, quanto relevante. Sem que esta produza, a esforço hercúleo que seja, uma mudança de atitude mental com a execução de um programa edificante, no qual granjeie simpatia e solidariedade, credenciando-se a ser auxiliado, qualquer ajuda de outrem redundará quase sempre nula. (...)

Mesmo nos casos da obsessão por subjugação, a terapêutica do esforço pessoal do enfermo é valiosa". (Divaldo Franco, Tramas do Destino)

Se você, querido(a) leitor(a), estiver vivendo um caso parecido, se o sofrimento perpassa os seus dias, procure logo uma casa espírita e relate o seu drama. Esteja certo de que você encontrará ali a orientação espírita, que traz em seu fulcro os ensinamentos de Jesus, propiciando a medicação espiritual para você e sua família.

CAPÍTULO 13: APÓS A DESENCARNAÇÃO

Após a Desencarnação, como ficam as Crianças no Mundo Espiritual?

"A partir do nascimento, suas idéias [do Espírito] tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem, pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança, por se acharem ainda adormecidas as idéias que lhe formam o fundo do caráter, " Allan Kardec "O Evangelho Segundo o Espiritismo" "Capítulo VIII, item 4,

O espírito Leão Tolstói ditou à médium Yvonne A, Pereira, um livro belíssimo:

Ressurreição e Vida!, no qual encontramos, no capítulo 3, intitulado O Sonho de Rafaela, uma história extremamente delicada e singela, que encerra, todavia, grande sabedoria. Vamos reproduzi-la a seguir, sintetizando-a.

O autor espiritual narra que visitou, espiritualmente, uma certa região muito pobre da Itália, denominada Piemonte, situada nas encostas nevadas dos Apeninos.

Era uma aldeia de camponeses, operários e pescadores, que habitavam modestas palhoças. A certa altura, divisou um grupo de mulheres conversando, à sombra de um

pinheiro, onde havia uma varanda coberta de jasmims e outras trepadeiras floridas. Aproximou-se e se deteve a ouvi-las.

Uma das mulheres, Rafaela, contava às companheiras o sonho que tivera. Ela havia perdido a filhinha, a pequena Adda, que iria completar 3 anos de idade, e estava a narrar a uma delas em especial, Gertrudes, cujo filho Giovannino, morrera há pouco, em tenra idade.

Rafaela relembra às ouvintes que por seis meses chorava e lamentava a morte da filhinha, sem ânimo para comer, sem dormir, sem ir para o campo trabalhar e até já sem crença em Deus.

Sonhei - disse - que fui levada para uma festa onde somente crianças deveriam divertir-se. A festa se realizava pelos arredores do Céu. Era um lugar florido e bonito. As crianças ali dançavam e cantavam alegremente, entoando hinos, "enquanto se arremessavam punhados de pétalas de rosas brilhantes como estrelas. Traziam coroas de flores luminosas às cabecinhas louras e asas luzentes como deveriam ser os anjos que cortejam a Santa Mãe de Nosso Senhor Menino".

Admirando a festa, Rafaela, de súbito vê a sua Adda! "Mas, triste, contundida e chorosa, asas molhadas, sem bastante brilho para também participar do folguedo dos anjos ... , porque encharcadas também as suas vestes, e como comparecendo ali clandestinamente, sem poder apresentar como seria devido numa festa de tal importância."

Surpresa por não vê-la participando da festa, Rafaela indaga por que estava tão triste e molhada. A filhinha respondeu-lhe, entre lágrimas que a amarguraram, que não poderia participar por estar com as asinhas pesadas, as roupagens sombrias. A mãe, aflita, quer saber o motivo deste estado e Adda prontamente explica:

"- Pois justamente és tu a culpada de tudo, mãezinha ... Tanto choras e blasfemas contra Deus, por minha causa, que me prendes ao teu lado, pela compaixão que me inspiras com tua mágoa demasiada e o teu desespero. Tuas lágrimas molham minhas asas, sombreiam minhas vestes, que devem ser de luz".

E acrescenta:

"E, neste estado, não me será possível compartilhar das alegrias das outras crianças que habitam felizes moradas dos Céus, nem alçar vôos pelo Infinito, onde deverão residir aqueles que deixaram o mundo, para se tornarem ditosos ... Promete que não mais hás de chorar e lamentar assim e serei feliz como o são estes que aqui vês, porque poderei seguir, sem pesares, para o seio d'Aquele que criou leis que tu desconheces, mas que mesmo assim deverás acatar porque são justas e muito sábias ... E um dia, mãezinha aqui mesmo virás ter, para continuarmos a felicidade momentaneamente interrompida".

"- Ora, minha filha querida! Deus seja louvado! Prometo que me resignarei a estas leis, para não impedir teus vôos para o Céu com as

minhas revoltas... Orarei ao bom Deus, isto, sim! Para que sejas feliz, podendo voitar em torno da Mãe Santíssima, como os demais anjos ... E para que, quando possível, venhas até mim, tal como neste momento, afim de me esclareceres e orientares sobre as coisas de Deus, que desconheço ... "

Quando Rafaela se calou tinha os olhos secos, mas as outras mulheres choravam.

Menciona o autor espiritual que, de alma enternecida, pensava:

"- Ó, Deus dos simples e dos pequeninos! Eu louvo a tua misericórdia, que concede aos pobres e ignorantes do mundo revelações singelas mas sublimes como esta, para que suas amarguras sejam acalentadas, revelações que, no entanto, encerram profunda essência filosófico - transcendental!"

Este lindo conto encerra várias lições, dentre as quais destacamos algumas. A primeira e mais importante é a da **continuidade da vida, possibilitando o ensejo do reencontro entre os entes que se amam; a segunda é **a situação das crianças no mundo espiritual**. Embora o simbolismo das asas dos anjos - necessário para a compreensão daquelas mulheres simples e de acordo com a crença que professavam -, o sonho deixa entrever que os espíritos que desencarnam na fase infantil recebem amparo e proteção, mantendo, quase todos eles, o perispírito na mesma forma que apresentavam ao desencarnarem.**

A situação das crianças no mundo espiritual, após a desencarnação, tem sido uma constante preocupação dos pais que anseiam saber como estão os filhos, procuram médiuns em casas espíritas, ansiosos por notícias, enfim, cada vez mais, hoje em dia, as pessoas têm uma noção de que somente os espíritas podem responder a esses questionamentos.

Importante considerar que a situação dos espíritos que desencarnam em tenra idade difere daqueles que partem após mais tempo de permanência no plano físico. A literatura espírita mediúnica tem propiciado esclarecimentos a respeito, embora não com maiores detalhes.

Vamos raciocinar com base nos ensinamentos dos Espíritos Superiores. Sabemos que o espírito que deixa o corpo físico na infância permanece com seu perispírito na mesma forma que apresentava enquanto ainda encarnado; portanto também é criança - no aspecto perispirítico - no mundo espiritual. Por outro lado, mantém a mente velada pelo esquecimento, imprescindível ao processo reencarnatório, necessitando, portanto, de certo tempo para que se efetue o descondicionamento de todas as impressões decorrentes do retorno à vida corporal e das vivências físicas que acaba de deixar, como, por exemplo, o apego afetivo à família, o meio, possíveis sofrimentos por maus tratos ou enfermidades durante o período em que esteve encarnado.

O caso Júlio, que apresentamos no capítulo 3, evidencia os cuidados que a Espiritualidade Maior dispensa a espíritos em situação difícil e sofrida. Mencionaremos a seguir alguns pontos extraídos da mesma obra.

"Entre a Terra e o Céu" (André Luiz), que ressaltam a situação de espíritos que desencarnaram na fase infantil.

O capítulo 8 do livro citado, intitulado "Deliciosa excursão", narra que André Luiz e seu colega, que também fora médico, Hilário, em companhia do instrutor espiritual Clarêncio e de mais duas senhoras, estas encarnadas e em desdobramento durante o sono físico, volitaram em direção a uma região do plano espiritual onde se encontravam os filhos destas irmãs. À medida em que se aproximavam do local - um parque imponente e acolhedor -, a paisagem tornava-se cada vez mais bela. Ondas de suave perfume acentuavam-se, provenientes de árvores vigorosas cobertas de flores coloridas, em cujos galhos bandos de aves repousavam. Informa André que "por abençoada e colorida colmeia de amor, harmonioso casario surgiu ao nosso olhar". E ali, "centenas de gárrulas crianças brincavam entre fontes e flores de maravilhoso jardim. Doce melodia que enorme conjunto de meninos acompanhava, cantando um hino delicado de exaltação do amor materno, vibrava no ar".

Os visitantes perceberam que, em certos recantos do parque, muitas senhoras

encarnadas, em desdobramento, traziam nos braços os filhinhos. Clarêncio explicou ser aquele local o "Lar da Bênção" e que muitas irmãs da Terra visitavam os filhos desencarnados. As duas senhoras, emocionadas, também correram ao encontro dos filhinhos, abraçando-os amorosamente.

Devido ao seu precário estado espiritual, o pequeno Júlio se encontrava sob os cuidados diretos de Blandina, em seu próprio lar. Clarêncio, André e Hilário rumam, então, para o local, descrito como sendo um pequenino castelo muito branco, com ogivas azuis e em meio a trepadeiras floridas, rosas e outras flores.

Mais tarde, Blandina teria ensejo de esclarecer que o parque era um grande educandário, abrigando mais de duas mil crianças. Que nele havia um grande conjunto de lares, "nos quais muitas almas femininas se reajustam para a venerável missão da maternidade e conosco multidões de meninos encontram abrigo para o desenvolvimento que lhe é necessário, salientando-se que quase todos se destinam ao retorno à Terra para a reintegração no aprendizado que lhes compete."

Face ao estado de Júlio e das providências feitas para propiciar-lhe o reequilíbrio, valiosa conversação se estabelece entre os três visitantes e Blandina. Hilário passa a tecer considerações sobre certas crenças apoiadas na Teologia clássica, que afirma ser o limbo o lugar para onde vão as almas dos inocentes,

entretanto, reconhece que as idéias espiritualistas mudaram bastante esta forma de entender o assunto, passando as pessoas a acreditarem que a criança desencarnada logo assume a sua personalidade de adulto.

Blandina esclarece que isto só acontece quando o espírito já possui elevada classe evolutiva, pois assumindo o "comando mental de si mesmo, adquire o poder de facilmente desprender-se das imposições da forma, superando as dificuldades da desencarnação prematura. (...) Contudo, para a grande maioria das crianças que desencarnam, o caminho não é o mesmo. Almas ainda encarceradas no automatismo inconsciente acham-se relativamente longe do autogoverno. Jazem conduzidas pela Natureza, à maneira das criancinhas no colo maternal. Não sabem desatar os laços que as aprisionam aos rígidos princípios que orientam o mundo das formas e, por isso, exigem tempo para se renovarem no justo desenvolvimento. É por este motivo que não podemos prescindir dos períodos de recuperação para quem se afasta do veículo físico, na fase infantil, de vez que, depois do conflito biológico da reencarnação ou da desencarnação, para quantos se acham nos primeiros degraus da conquista do poder mental, o tempo deve funcionar como elemento indispensável de restauração. E a variação deste tempo dependerá da aplicação pessoal do aprendiz à aquisição de luz interior, através do próprio aperfeiçoamento moral."

A narrativa de André acerca das atividades do Lar da Bênção se estende do capítulo 8 ao 11 e é muito rica em ensinamentos.

Infere-se, portanto, que espíritos ainda na forma infantil não são errantes no mundo espiritual, isto é, não ficam vagando na Espiritualidade, à procura de seus entes queridos. Vimos que a Misericórdia Divina mais uma vez se manifesta, proporcionando amparo e abrigo condizentes com as necessidades que apresentam.

Naturalmente inúmeros educandários como este, relatado no livro retrocitado, fazem parte de cada colônia ou cidade do plano espiritual.

CAPÍTULO 14: QUEM É O ANJO-DE- GUARDA

**"Qual é a missão do Espírito protetor? A de um pai com relação aos filhos; a de guiar o seu protegido pela senda do bem, auxiliá-lo com seus conselhos, consolá-lo nas suas aflições, levantar-lhe o ânimo nas provas da vida."
Allan Kardec "O Livro dos Espíritos" . Questão 491.**

Os anjos são conhecidos desde tempos remotos, sendo que anteriormente eram denominados deuses. A Bíblia, no Antigo e no Novo Testamento, está repleta de passagens que relatam as suas presenças.

Na simbologia religiosa são apresentados com asas e pequena auréola no alto da cabeça.

O anjo-de-guarda, ou anjo-guardião, segundo o Espiritismo, é um espírito protetor que se dedica ao seu protegido, desde o seu nascimento até a morte e mesmo na vida espiritual. É sempre superior àquele que está sob sua guarda.

Em "O Livro dos Espíritos", Allan Kardec apresenta a escala espírita que trata da classificação dos espíritos, dividindo-a em três ordens. Esta classificação se baseia no grau de adiantamento deles. Os guias espirituais, anjos guarda, ou protetores, de maneira geral,

estão na segunda ordem. Vamos conhecer um pouco sobre este assunto.

Os caracteres gerais dos bons espíritos são: predominância do espírito sobre a matéria; desejo do bem; uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade. Os mais adiantados aliam o saber às qualidades morais.

Compreendem Deus e o Infinito e já usufruem a felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. Têm como missão inspirar bons pensamentos às criaturas, desviá-las do caminho do mal e protegê-las durante a vida terrena. Entretanto não são ainda espíritos perfeitos. Os espíritos puros constituem a primeira ordem. A escala espírita inicia-se no item 100.

Allan Kardec aborda, especificamente, o tema deste capítulo em "O Livro dos Espíritos", a partir da questão 489 até a 521.

Na questão 495 de "O Livro dos Espíritos" há uma extensa explanação de São Luis e Santo Agostinho, que ressalta sobretudo, a bondade do Pai do Céu em relação aos seus filhos, que muito nos interessa e da qual extraímos este trecho:

"É uma doutrina, esta, dos anjos-guardiães, que, pelo seu encanto e doçura, devera converter os mais incrédulos. Não vos parece grandemente consoladora a idéia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados

amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra. Eles se acham ao vosso lado, por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos". (Allan Kardec, O livro dos Espíritos)

Em meu livro "Mediunidade: Caminho para ser feliz", também pela Editora Didier, exponho este assunto com maiores detalhes, recomendando-o aos estimados leitores.

Assim, menciono que:

"A esses espíritos protetores não cabe interferir diretamente, anulando a vontade das criaturas, pois há imperiosa necessidade de que cada um exerça o seu livre-arbítrio e, posteriormente, colha o resultado da sua própria sementeira, a fim de amadurecer à custa de seu esforço pessoal".

Infere-se, portanto, que a decisão é sempre individual; todavia, até que a pessoa faça a sua opção, os espíritos protetores procurarão influenciá-la com idéias e pensamentos positivos e benéficos.

Em relação à criança, o espírito protetor empenha-se no sentido de envolvê-la em suas

boas vibrações, amparando-a mais diretamente em razão de que ela está nas fases iniciais do uso de seu livre-arbítrio. Muitas quedas, desastres, problemas diversos são evitados ou atenuados por esses verdadeiros anjos de paciência e amor. Durante o sono físico de seu protegido, mantém encontros freqüentes para possibilitar uma sintonia cada vez maior entre ambos.

O Espiritismo, como citamos páginas atrás, recomenda o cultivo da oração, como hábito imprescindível que assegura melhor sintonia com os bons espíritos. Recordo-me aqui de uma prece que minha mãe sempre proferia para nós, suas três filhas, ensinando-nos a orar antes de dormir. Muito mais tarde descobri esta pequena prece em "O Evangelho Segundo o Espiritismo" e sempre me emociono ao relembrar como a recitávamos em voz alta, desde muito pequenas, após a do Pai Nosso, já deitadas em nossas camas. Aproveitem os leitores a singeleza desta prece, com algumas leves modificações feitas por minha querida mãe, Zélia Caldas:

**"Minha alma vai estar por alguns instantes com os outros Espíritos. Venham aqueles que são bons ajudar-me com seus conselhos. Meu anjo-de-guarda, permita que ao despertar eu conserve uma impressão duradoura e salutar".
(Allan Kardec, E.S.E.)**

O leitor e a leitora podem encontrá-la no capítulo 28, Preces espíritas, de "O Evangelho Segundo o Espiritismo" - itens 38 e 39, que se

intitula "À hora de dormir", e adotá-la em seu lar, que eu asseguro os bons resultados. Melhor ainda se os pais transmitirem para os filhos as noções acerca do espírito protetor, anjo-de-guarda - se assim quiserem chamá-lo -, o que favorecerá o desabrochar da fé e da confiança na proteção de Deus, por intermédio desse bom amigo espiritual.

Cabe agora uma pergunta: Como fica a atuação do protetor espiritual, se o indivíduo, mais adiante na vida, enveredar pelo mau caminho e se mantiver surdo à voz interior, à boa influência que ele lhe transmite? Foi pensando nesta probabilidade que o Codificador apresentou aos Benfeitores da Vida Maior a seguinte pergunta:

"Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos?

"- Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame".

CAPÍTULO 15: CRIANÇAS PRODÍGIO E MEDIUNIDADE

"A alma não é feita de uma só vez; a si mesma se faz, se constrói através dos tempos. Suas faculdades, suas qualidades, seus haveres intelectuais e morais, em vez de se perderem, capitalizam-se, aumentam, de século para século." Léon Denis "O Problema do Ser, do Destino e da Dor")

Crianças-prodígio, geniais são crianças de QI muito alto. Sabemos, há um bom tempo, que o coeficiente intelectual pode ser avaliado, evidenciando o grau de inteligência de cada pessoa. Certamente que as crianças que manifestam desde o berço potencialidades incomuns e muito acima de sua faixa etária, como, por exemplo, falar aos 3 meses de idade, ler com 1 ou 2 anos, conhecer matemática e outras ciências nesta mesma faixa sempre impressionam e surpreendem a todos, pelo inusitado da situação. As mais diversas teorias são apresentadas para explicar o porquê do gênio precoce.

No mês de setembro de 2006, a revista "Reformador", nº. 2.130, publicou artigo de Washington Luiz Fernandes, intitulado "Uma foto que fala por si... "

Na foto vê-se um menino de 6 anos de idade, Maximiliano Arellano, em cima de uma cadeira,

muito sério e compenetrado, pronunciando uma palestra, que durou 45 minutos, sobre Osteoporose, na Universidade Autônoma do México, cujo auditório estava repleto de médicos, todos vestidos de branco, a ouvirem atentamente a sua explanação.

Segundo sua mãe, Sra. Alejandra de Noé, sua prematura memória e conhecimento eclodiram aos 2 anos de idade. Os pais não têm conhecimentos de Medicina, mas o menino já fez palestra até sobre Anatomia Cardiovascular. O diretor da Faculdade de Medicina, Roberto Camacho, afirma que o menino fala de Fisiopatologia como se fosse um residente.

O que faz uma criança ser tão diferente das demais? Por que é tão superdotada em comparação com outras da mesma idade? Por que as outras crianças não apresentam um cabedal de conhecimentos deste nível? Seria um privilégio divino?

A resposta é uma só e muito fácil - a reencarnação. Crianças-prodígio, geniais, expressam, com clareza meridiana, as aquisições do passado. A idéia de que a criança é uma tabula rasa há muito caiu por terra, embora ainda existam aqueles que assim pensam. A grande maioria das crianças de nosso tempo evidenciam um QI muito mais alto, muito mais avançado, comparadas, por exemplo, com as de duas gerações anteriores; aliás, a cada geração, estão mais inteligentes, mais perspicazes, nascem sabendo - como se

diz. Evidências da reencarnação mais expressivas que estas seriam desnecessárias, se as pessoas estivessem mais propensas a abandonar velhas e cristalizadas crenças, sem preconceitos e dispostas a aceitar novos paradigmas, estes, sim, sintonizados com os novos tempos.

A desigualdade que se nota entre os seres humanos não é um processo injusto da criação divina, porém, uma evidência cabal das infinitas gradações das aquisições de cada um. É preciso considerar que os espíritos não foram criados todos ao mesmo tempo e iniciaram juntos a escalada evolutiva, passando por caminhos idênticos nos mesmos momentos. Enfim, a idade espiritual não é a mesma para todos. Portanto estamos mais ou menos desenvolvidos, conforme experiências diversas através dos evos, o que, essencialmente, nos faz ser diferente e único.

Certos aspectos da genialidade de uma criança ou de um adulto, leva alguns a imaginar que se trata de um fenômeno mediúnico, que tais pessoas são médiuns. Vamos refletir um pouco sobre isso.

Léon Denis, o notável filósofo e escritor, contemporâneo de Kardec e seu continuador, legou-nos páginas preciosas a respeito do tema que estamos abordando.

Imprescindível a transcrição de alguns trechos:

"O gênio é principalmente aquisição do passado, o resultado de pacientes estudos seculares, de lenta e dolorosa iniciação. Estes antecedentes desenvolveram no ser uma profunda sensibilidade que o torna acessível às influências elevadas.

Há diferenças apreciáveis entre as manifestações intelectuais de uma criança-prodígio e a mediunidade tomada no seu sentido geral. Esta tem um caráter intermitente, passageiro, anormal. O médium não pode exercer sua faculdade a cada momento: são precisas condições especiais, difíceis, às vezes de reunir, ao passo que as crianças-prodígio podem utilizar seus talentos a cada passo, constantemente, como nós mesmos o podemos fazer com as nossas próprias aquisições mentais", (Léon Denis, O problema do ser, do destino e da dor)

Realmente, a mediunidade pode, em certos casos, conferir ao médium condições que transcendem as ocorrências comuns, entretanto, conforme explana Denis, com muita propriedade, o gênio é uma aquisição pessoal que remonta a séculos e séculos de estudos e especialização em determinada área.

Escrevendo sobre este assunto, recordo-me de um livro muito interessante, cujo autor é o jornalista Fernando Pinto, lançado em 1976, cujo título é "Divaldo, médium ou gênio?", no qual apresenta dados biográficos e alguns casos vivenciados pelo médium e orador

baiano. O título do livro remete-nos diretamente à questão que tratamos neste capítulo.

Analisando a trajetória de Divaldo Franco, é possível assinalar o crescente domínio por ele adquirido de uma infinidade de assuntos, sobre os quais discorre com profundidade, sendo capaz de responder perguntas acerca das diversas áreas do conhecimento humano como quem nelas se especializou. É inegável que Divaldo tem um QI altíssimo, suplantando a maioria das criaturas, entretanto é bom que se diga que a sua fulgurante mediunidade lhe enseja o convívio com espíritos que possuem uma sabedoria incomum, que o ajudam nas respostas, instruindo-o constantemente, possibilitando-lhe, assim, um cabedal de aquisições intelectuais realmente notável, que ele arquiva em sua impressionante memória.

As suas respostas, em incontáveis entrevistas pelo mundo afora, realmente impressionam os que delas tomam conhecimento, especialmente as que são feitas, digamos assim, ao vivo, sempre sem prévio entendimento entre ele e o entrevistador, ocorrendo, em algumas oportunidades, perguntas de diversos entrevistadores, especialistas em diversas áreas. Cabe ainda ressaltar o ponto mais importante, pois Divaldo Franco sempre responde apresentando, ao lado do aspecto científico ou filosófico, as diretrizes elevadas, éticas que o Espiritismo proporciona, como um convite

constante à paz e ao amor entre os seres humanos.

O que é surpreendente é que o orador baiano não tem curso superior, não frequentou nenhuma universidade e, segundo ele mesmo explica, com muito bom-humor, só tem diploma de datilografia ...

Observando-se o conjunto da obra de Divaldo, na qual fulgura o seu trabalho como espírita, pode-se inferir ser ele um autêntico missionário, exercendo por estes mais de 50 anos a sua missão.

Não comentaremos aqui as várias vertentes desta missão, pois fugiríamos ao objetivo deste livro.

Entretanto, é bom registrar o que Léon Denis tem a nos dizer a respeito, quando afirma que a genialidade pode estar associada à mediunidade:

"O gênio - dissemos - é uma mediunidade; os homens de gênio são médiuns em graus diversos e de várias ordens. Há nesta faculdade, além de grande variedade de formas, graduação e hierarquia, como em todos os domínios da natureza e da vida.

Os homens de gênio, voluntária ou involuntariamente, conscientemente ou não, se acham em relação com o Além; dele recebem os poderosos eflúvios; inspiradores invisíveis os assistem e colaboram em suas obras". (Léon Denis, No invisível)

Deixemos com Denis a palavra final.

"Não haveria também a influência do Alto neste poder da oratória que subleva e arrebatava as multidões, como o vento subleva as ondas do oceano? Ela parece manifestar-se principalmente nos oradores de arrojados surtos que, em certos momentos, são como que suspensos da Terra e transportados em possantes asas ou ainda nesses improvisadores, de frases sugestivas e sonora linguagem, cuja palavra flui em acelerados jorros e que Cícero denominava 'a torrente do discurso'."

CAPÍTULO 16: A TERAPIA DO AMOR

"Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porquanto o Reino dos Céus é para os que se lhes assemelham," Jesus, Marcos. 10: 14.

Comentando o texto acima, em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Allan Kardec afirma:

"A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade. Exclui toda idéia de egoísmo e de orgulho. Por isto é que Jesus toma a infância como emblema desta pureza, do mesmo modo que a tomou como o da humildade.

Poderia parecer menos justa esta comparação, considerando-se que o Espírito da criança pode ser muito antigo e que traz, renascendo para a vida corporal, as imperfeições de que se não tenha despojado em suas precedentes existências. Só um Espírito que houvesse chegado à perfeição nos poderia oferecer o tipo da verdadeira pureza. É exata a comparação, porém, do ponto de vista da vida presente, porquanto a criancinha, não havendo podido ainda manifestar nenhuma tendência perversa, nos apresenta a imagem da inocência e da candura. Daí o não dizer Jesus, de modo absoluto, que o Reino dos Céus é para elas, mas para os que se lhes assemelham". ("O Evangelho Segundo o

Espiritismo", cap. VIII, itens 2 e 3)(Allan Kardec, E.S.E.).

Jesus veio trazer para a Humanidade a lei de amor e, para que seus ensinamentos calassem fundo nos corações, Ele não apenas pregou, mas, acima de tudo, exemplificou.

Se refletirmos um pouco acerca dos indivíduos para os quais o Mestre pregava, daqueles que faziam parte da multidão e que eram atendidos nas profundezas de suas almas, nas suas ânsias mais recônditas; curados outros das enfermidades do corpo material; daqueles que freqüentemente O acompanhavam desejosos de estar próximos a Ele, de ouvi-Lo, cheios de esperança de uma vida melhor - verificaremos que grande parte destes eram os que hoje são considerados os excluídos, para os quais, atualmente, a filosofia da inclusão trabalha visando a modificar esta situação. Mas, naquela época, eram vistos como de ínfima condição social, marginalizados pela sociedade predominante.

Assim, Jesus aconchegou-os ao Seu coração leprosos, mendigos , prostitutas, deficientes físicos de todos os tipos, pobres, cobradores de impostos odiados pelo povo, enfim, os marginalizados. Entre estes, também a mulher e a criança.

Várias são as passagens que registram o desvelo, a importância e o amor que o Mestre dedicava à mulher, valorizando-a, no intuito de trazê-la para o contexto social no mesmo nível de igualdade com o homem. Da mesma forma

refere-se às crianças, qual é o enfoque deste livro.

Consideremos a passagem em que os discípulos perguntam a Jesus:

"Quem é o maior no Reino dos Céus?"

E Jesus, chamando um menino, o pôs no meio deles, e disse: Em verdade, vos digo que, se não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no Reino dos Céus.

Portanto, aquele que se tornar humilde como este menino, este é o maior no Reino dos Céus". (Mt, 18: 1 a 4)(O novo Testamento)

Diante de um recém-nascido, um frágil e pequenino bebê, raramente nos lembramos de que ali está um espírito antigo, com uma extensa e intensa história pregressa; o que prepondera para quem o aconchega nos braços é a vontade de protegê-lo e ampará-lo desde o seu primeiro vagido. Para melhor compreensão do exemplo apresentado pelo Cristo, observemos o que ensina "O Livro dos Espíritos", em resposta à pergunta 385, na qual Kardec indaga quanto à mudança que se opera no caráter do indivíduo na adolescência. Os Espíritos Superiores explanam, a certa altura, o seguinte:

"As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhe possam imputar excessiva severidade, dá-lhes ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores,

cobrem-se-lhe as más ações com a capa da inconsciência. Esta inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. É a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o conseqüente castigo exclusivamente sobre elas recai.

Não foi, todavia, por elas somente que Deus lhes deu este aspecto de inocência; foi também e sobretudo por seus pais, de cujo amor necessita a fraqueza que as caracteriza. Ora, este amor se enfraqueceria grandemente à vista de um caráter áspero e intratável, ao passo que, julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados". (Allan Kardec, O livro dos Espíritos)

O ensinamento do Mestre ressalta, pois, a pureza e a humildade que transparecem no período infantil.

Devemos assinalar, especialmente, a frase que colocamos em epígrafe, na qual Jesus chama a si as crianças. Sabemos que "a criança é o futuro", portanto educá-las nos princípios do Evangelho será construir desde hoje um porvir melhor para a Humanidade. A este respeito, o Espiritismo, trazendo de volta os ensinamentos do Mestre em sua primitiva pureza, tem muito a contribuir para a instalação do "Reino dos Céus" na Terra.

Allan Kardec, quando de suas viagens em 1862, teve ensejo de constatar que a educação baseada nos postulados espíritas proporciona às crianças e aos jovens mais maturidade e os

tornam mais dóceis e felizes. Ele menciona isso em suas anotações acerca de suas viagens, como a seguir:

"É notável que as crianças educadas nos princípios espíritas desenvolvem um raciocínio precoce que as torna infinitamente mais fáceis de governar; vimos muitas delas, de todas as idades e de ambos os sexos, nas diversas famílias em que fomos recebidos, onde pudemos constatar o fato pessoalmente. Isto nem lhes tira a alegria natural, nem a jovialidade; nelas não existe essa turbulência, essa obstinação, esses caprichos que tornam tantas outras insuportáveis; pelo contrário, revelam um fundo de docilidade, de ternura e de respeito filial que as leva a obedecer sem esforço e as torna mais estudiosas. Foi o que pudemos notar, e esta observação é geralmente confirmada". (Allan Kardec, Viagem Espírita)

Diante de todas as considerações expostas, podemos concluir que, acima de tudo, em todo o Universo, vige o amor em suas variadas expressões. E não é o que tem faltado aos habitantes deste planeta? Nossa maior carência não é exatamente esta? As dores da Humanidade não estão clamando por este algo mais que lhes está sendo negado? Ou que não sabemos cultivar? Queremos amor, mas não sabemos amar. E só o amor responde ao amor. "Quando o amor se ausenta, a dor se instala ensina Joanna de Ângelis. (Divaldo Franco, No limiar do infinito)

Obsessões, obsessores, inimigos, violência em múltiplos níveis, desencontros, o caos das emoções, enfim, tudo o que é decorrência do mal e da ignorância decorre da ausência de amor. Por isto, crianças sofrem, adultos sofrem - espíritos em processo evolutivo. Fizemos opções desastrosas no uso de nosso livre-arbítrio e colhemos o que semeamos, pois a Lei Divina prescreve "a cada um segundo as suas obras".

Hoje, sabemos que o amor é, também, uma terapia. Que alcança o cerne da alma. Suas propriedades curativas estão à disposição de todos, como filhos de Deus, que nos criou no supremo Amor.

Ninguém expressa melhor sobre o amor de Deus que a benfeitora Joanna de Ângelis, no livro "Filho de Deus". E ela nos diz:

**"Deus te ama
e tu percebes.
Sua ternura
te rocia a face
e Suas mãos
te sustentam.**

**Seu hálito te vitaliza
e sua voz silenciosa
chega aos teus ouvidos,
com bênçãos,
com esperanças
e com orientações.**

**Deus te busca
e te encontra.**

**Agora, que O sentes,
deixa-te penetrar
e conduzir
ao destino feliz
que te reserva.**

**Deus vive, manifesta
e dilata o seu amor
através de ti.
Tu o sabes ...
E, onde estiveres,
Ele estará sempre contigo".**

(Divaldo Franco, Joanna de Ângelis, O filho de Deus)

A revelação de Deus em nós é a base em que se estrutura o "Reino" que Jesus prometeu para os que se assemelhassem à pureza, inocência e humildade das crianças.

O Reino dos Céus é uma conquista de cada um e uma promessa feliz para toda a Humanidade.

CAPÍTULO 17: CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Ó espíritas! Compreendei o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus esta alma; tal a missão que nos é confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes," Santo Agostinho "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Capítulo XIV, item 9,

O espírito retorna ao plano físico, em sucessivas reencarnações, cumprindo o determinismo da lei divina: Evolução! Evoluir é o propósito maior, o objetivo do retorno à vida corporal.

A cada nova experiência carnal, o espírito acrescenta ao seu acervo novos aprendizados e conquistas ou, em muitos outros casos, estaciona por vontade própria, no uso do seu livre-arbítrio, até que a Lei Maior o impulsione a prosseguir, nos seus indefectíveis mecanismos da Lei de Ação e Reação.

A este respeito, elucida o Codificador:

"Somente depois de terem passado pelas provas da vida corpórea, chegam à perfeição os Espíritos. Os que se encontram na erraticidade aguardam que Deus lhes permita volver a uma existência que lhes proporcione meios de progredir, quer pela expiação de

suas faltas, mediante as vicissitudes a que fiquem sujeitos, quer desempenhando uma missão proveitosa para a Humanidade. O seu adiantamento e a sua felicidade futura serão proporcionados à maneira por que empreguem o tempo que hajam de estar na Terra". - Capítulo XXVIII, item 53 (Allan Kardec, E.S.E.).

A caminhada evolutiva se processa, portanto, inexoravelmente, "desde o átomo primitivo ao arcanjo, que também começou por ser átomo." - Questão 540 (Allan Kardec, O livro dos Espíritos).

O Espiritismo, ao despertar o ser humano para a grandiosidade das Leis de Deus, conscientizando-o da sua condição de espírito imortal na busca incessante do aperfeiçoamento, abre perspectivas tão belas e infinitas, que o leva a entender a excelsitude do Amor Divino para com todos os seus filhos, sem exceção.

As potencialidades idênticas, inerentes a todos os espíritos, a igualdade dos direitos e deveres, a justiça equânime e o Perfeito Amor no qual todo o Universo e todos os seres da Criação estão mergulhados, isto amplia, de forma ilimitada, a compreensão do sentido da vida.

Urge, pois, aproveitar de forma útil, produtiva e feliz as experiências que estão ao nosso alcance. Estas considerações são importantes e necessárias para que valorizemos cada vez

**mais os ensejos abençoados que se abrem
diante de nós.**

**Adultos e crianças, somos todos espíritos no
constante ir-e-vir do plano espiritual para o
plano terreno. Ao renascermos, estamos na
posição de filhos, dependentes dos adultos
que nos cercam. Mais adiante, seremos pais
acolhendo os filhos, nesta importante troca de
experiências que nos propõem ao
amadurecimento íntimo, fruto de nossa
própria vivência.**

**Este o ritmo da vida que pulsa em cada ser
vivente.**

**Portanto, as questões que tratamos neste livro
são apenas uma parte das experiências
necessárias ao espírito eterno.**

Somos herdeiros de nós mesmos.

**Mediunidade é campo que se abre, oferecendo
múltiplas possibilidades de espiritualização.**

**Obsessão é a nossa colheita pessoal: ontem,
semeamos discórdia, sofrimento; hoje,
colhemos o que plantamos.**

**A infância, cada vez mais desenvolvida
intelectualmente em nossos dias, revela, por
outro lado, as sequelas do passado a
repercutirem no presente.**

**Diante dos sofrimentos que os processos
obsessivos acarretam, mantenhamos a fé, a
confiança em Deus, a certeza de que o amor
tudo pode conquistar e que o Espiritismo**

proporciona os meios adequados para alcançarmos o êxito, dependendo, porém, do esforço de cada um.

Suely Caldas Schubert

A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO ESPÍRITA NA CRIANÇA

Evangelizar é trazer Jesus de retorno à Terra.

É revivescer os Seus ensinamentos, à luz da Doutrina Espírita.

É transmitir às crianças as preciosas diretrizes do Evangelho do Cristo.

É mostrar Jesus como Amigo e Irmão Maior.

Evangelizar à luz do Espiritismo é abrir as veredas do conhecimento às mentes infantis.

A querida mentora Irthes Therezinha, dedicada trabalhadora mineira, assim se expressa:

"É preciso falar de Jesus aos meninos.

É preciso usar a técnica primorosa do Amor com os meninos, porque, amanhã, os meninos falarão de Jesus ao mundo, trabalharão com Jesus no mundo. E o Reino de Paz far-se-á instalado e a Humanidade será uma extensão das paragens celestiais superiores".

O Reino dos Céus é uma conquista íntima. Começa aqui e avança para os rumos do infinito.

Alçar esse vôo depende de duas "asas":-Amor e Sabedoria.

Almejamos que as crianças de hoje e de amanhã possam atender o convite do perene Mestre:

"Deixai que venham a mim as criancinhas e não as impeçais, porquanto o Reino dos Céus é para os que se lhe assemelham. Digo-vos, em verdade, que aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, nele não entrará. E depois de as abraçar, abençoou-as, impondo-lhe as mãos". (Marcos 10:13 a16).

Fim!